

AUTOR BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

# NEIL GAIMAN



ROCCO  
JOVENS LEITORES

ILUSTRAÇÕES DE SKOTTIE YOUNG



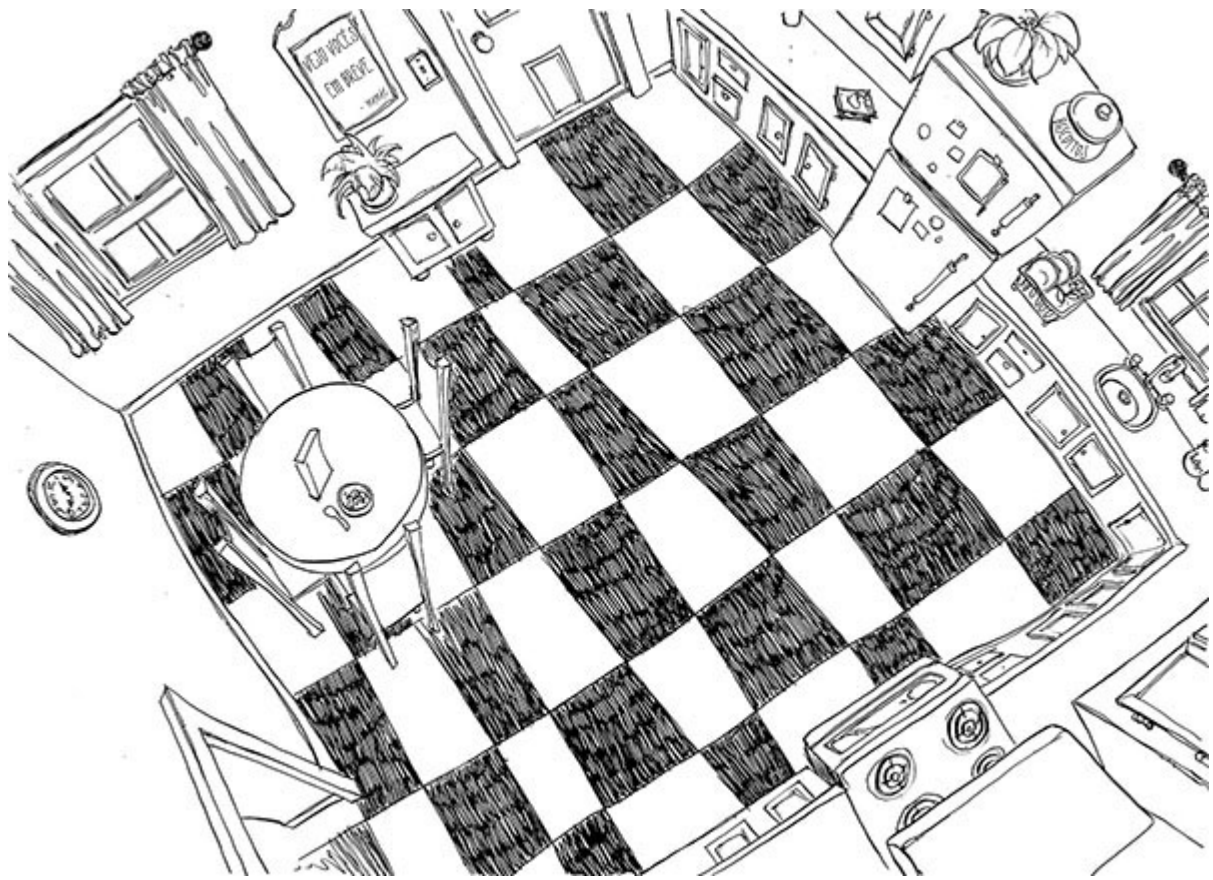
# FELIZMENTE, O LEITE

NEIL GAIMAN

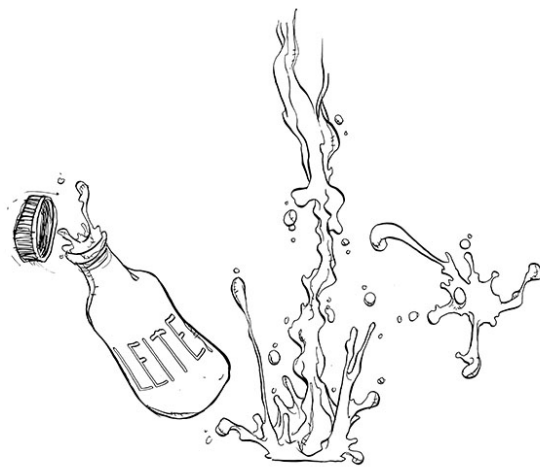
ILUSTRAÇÕES DE SKOTTIE YOUNG

TRADUÇÃO DE EDMO SUASSUNA

**ROCCO**  
JOVENS LEITORES







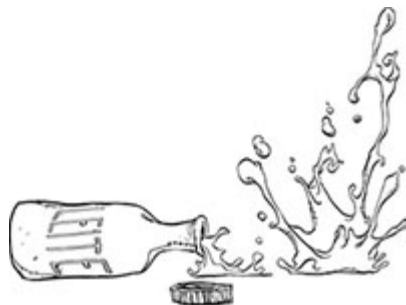
*Para o meu saudoso pai, David, que teria sentido prazer em me contar essa história, e para meu filho, Michael, que nunca teria acreditado numa única palavra dela.*

*Com amor.*

— N.G.

*Para o meu pai, que era um contador de histórias e um criador de risadas.  
Sinto loucamente a sua falta.*

— S.Y.



# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Parte 1

Parte 2

Parte 3

Parte 4

Parte 5

Parte 6

Parte 7

Créditos

O Autor

O Ilustrador





Só tinha suco de laranja na geladeira. E mais nada que desse para botar no cereal. A não ser que você ache que ketchup ou maionese ou molho de picles fiquem gostosos no seu cereal, o que eu não acho, e a minha irmãzinha também não, apesar de ela já ter comido umas coisas muito estranhas, tipo cogumelo com chocolate.[\*]



– Nada de leite – disse minha irmã.

– É – concordei, olhando atrás do pote de geleia, na geladeira, para ter certeza. – Nada de leite.



A nossa mãe tinha ido a uma conferência. Estava apresentando um trabalho que escreveu sobre lagartos. Antes de sair, ela nos lembrou das coisas importantes que precisavam acontecer durante a sua ausência.

Meu pai estava lendo o jornal. Acho que ele não presta lá muita atenção ao resto do mundo enquanto lê o jornal.

– Você me escutou? – perguntou minha mãe, que é muito desconfiada. – O que foi que eu falei?

---

\* Ela não chegou a gostar de comer essas coisas estranhas. E eu não cheguei a contar a ela que tinha cogumelos dentro do chocolate. Era uma experiência.



– Pra não me esquecer de levar as crianças no ensaio da orquestra no sábado; na quarta à noite tem ensaio de violino; você etiquetou e congelou um jantar para cada noite; a chave reserva da casa está com os Nicolsons; o encanador vem na segunda-feira de manhã e não é pra gente usar o banheiro do andar de cima antes disso; alimentar o peixinho dourado; você ama a gente e vai voltar na quinta – respondeu o meu pai.

Acho que a minha mãe ficou surpresa.

– É, isso mesmo – admitiu e nos beijou em seguida. E aí ela avisou: – Ah, está quase acabando o leite. Você tem que comprar mais.



Depois que ela foi embora, meu pai tomou uma xícara de chá. Ainda tinha um pouquinho de leite.

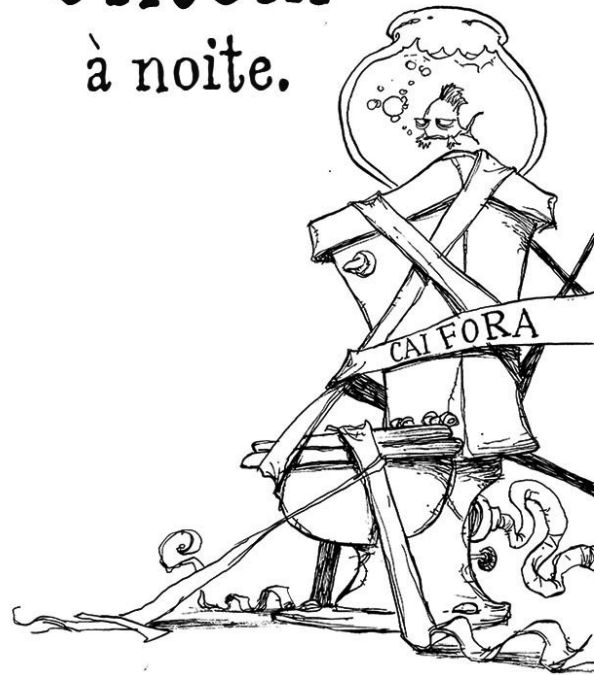
Descongelamos o jantar Número Um, mas acabamos estragando a comida, então fomos a um restaurante indiano. Antes de irmos dormir, o papai ainda nos fez chocolate quente para compensar aquela

**Saudade da Mamãe.**





ISSO FOI  
ontem  
à noite.



Foi então que o papai chegou à cozinha.

– Comam o cereal – disse ele. – Lembrem-se, tem ensaio de orquestra esta tarde.

– A gente não pode comer cereal – respondeu minha irmã, chateada.

– Não sei por quê – contestou meu pai. – A gente tem um monte de cereal. Temos cereal e granola. Temos tigelas. Temos colheres. Colheres são ótimas. Iguais a garfos, só que sem espetar.

– Não tem leite – comentei.

– Não tem leite – repetiu minha irmã.

Observei meu pai enquanto ele pensava no assunto. Estava quase sugerindo que a gente comesse algo que não precisasse de leite, tipo salsichas. Mas depois pareceu se lembrar de que, sem leite, ele não poderia tomar chá. E fez a cara de “sem chá” dele.

– Coitadinhos – disse ele. – Vou dar um pulo no mercado da esquina. Vou comprar leite.

– Obrigada – disse minha irmã.

– Não traz o desnatado – pedi. – Aquele troço tem gosto de água.

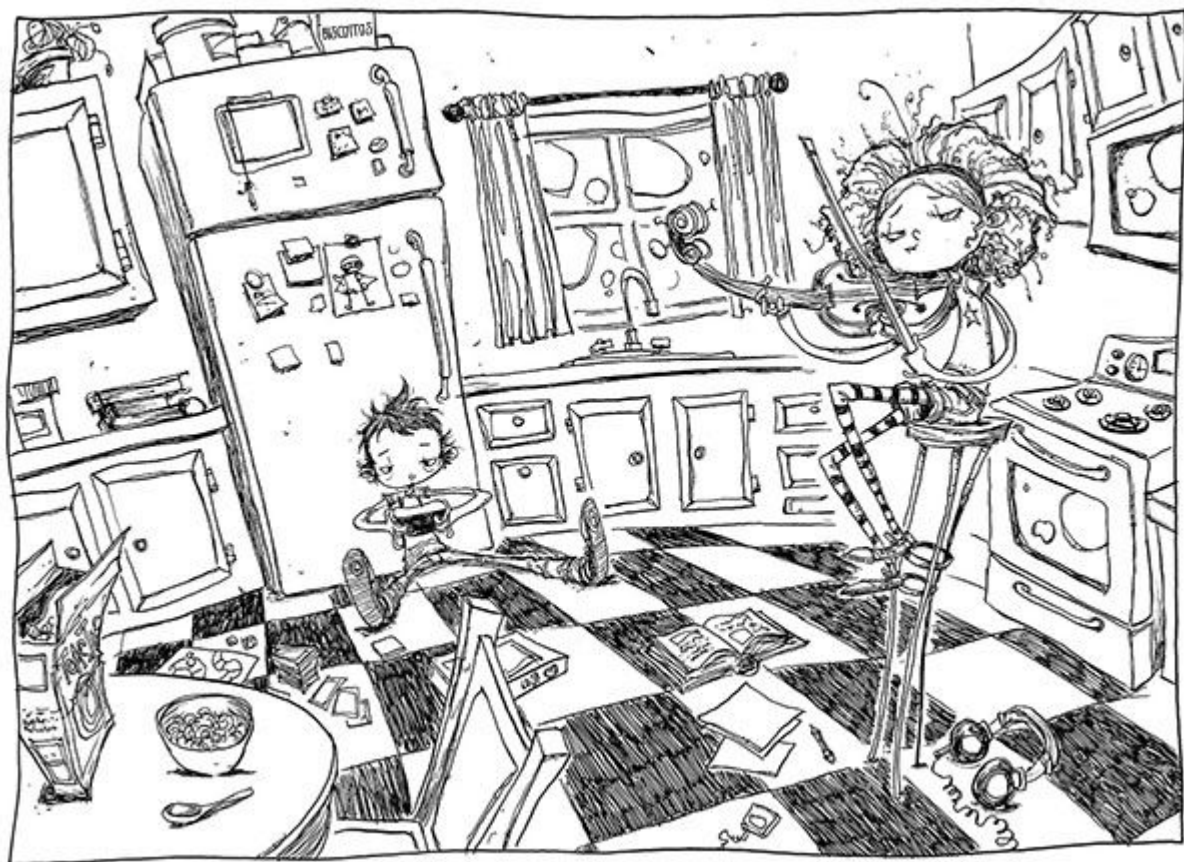
– Pode deixar – concordou meu pai. – Nada de desnatado.

Ele saiu.

Botei um pouco de cereal na tigela. Fiquei olhando pra ela.

Eu esperei.





– Quanto tempo já passou? – indagou minha irmã.

– Mil horas – respondi.

– É, também acho – concordou ela.

A gente tomou suco de laranja. Minha irmã praticou violino. Sugeri que ela parasse de tocar violino. Ela parou.

Minha irmã fez caretas pra mim.



– E agora, quanto tempo já passou? – indagou.

– Um milhão de horas – falei.

– E o que vai acontecer se ele não voltar? – perguntou ela.

– Acho que a gente come os pickles.

– Não se pode comer pickles no café da manhã – argumentou minha irmã. – E eu não gosto de pickles em hora nenhuma. E se algo horrível tiver acontecido com ele? Mamãe vai botar a culpa na gente.

– Acho que ele deve ter encontrado algum amigo no mercadinho – eu disse. – Aí ficaram conversando, e ele perdeu a noção do tempo.

Comi um pouco do cereal seco, como experiência. Era mais ou menos legal, mas não tão bom quanto com leite.

Escutamos um *tump* e um *bam* na porta da frente, e meu pai entrou.

– Por onde você andou esse tempo todo? – perguntou minha irmã.

– Ah! – respondeu meu pai. – Hum... então... engraçado você perguntar isso.

– Esbarrou com alguém que você conhecia – arrisquei. – E perdeu a noção do tempo.

– Eu comprei o leite – disse meu pai. – E, realmente, dei um oi para o senhor Ronson, o vizinho da frente, que estava comprando jornal. Saí do mercadinho e ouvi uma coisa estranha que parecia vir de cima. Era um barulho assim: **t<sup>u</sup>m<sup>m</sup>-t<sup>u</sup>m<sup>m</sup>**. Olhei para cima e vi um disco prateado enorme flutuando sobre a rua Marshall. *Uau*, disse a mim mesmo, *não se vê um negócio assim todo dia*. E então uma coisa esquisita aconteceu.

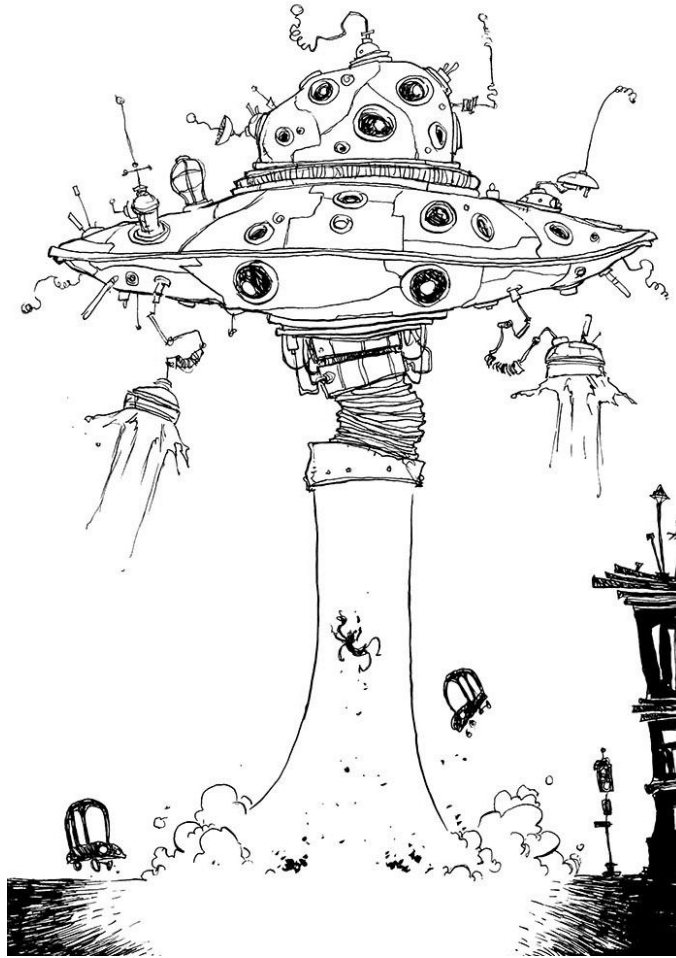


– *Isso* já não foi esquisito? – perguntei.

– Bem, ainda **mais esquisito** – respondeu meu pai. – Esquisito foi o facho de luz que desceu do disco, um facho de luz cintilante e reluzente, visível mesmo à luz do dia. E aí, quando dei por mim, fui sugado para dentro do disco. **Felizmente, eu tinha guardado o leite no bolso do casaco.** O chão do disco era de metal. Era grande, do tamanho de um campo de futebol ou **MAIOR.**







– Viemos de um mundo muito distante do seu planeta – disseram as pessoas no disco.

Eu os chamo de pessoas, mas eles eram meio verdes, bastante gosmentos e pareciam bem ranzinzas mesmo.

– Agora, como um representante da sua espécie, nós exigimos que você nos conceda a propriedade do planeta inteiro. Vamos reformar tudo – disse um deles.

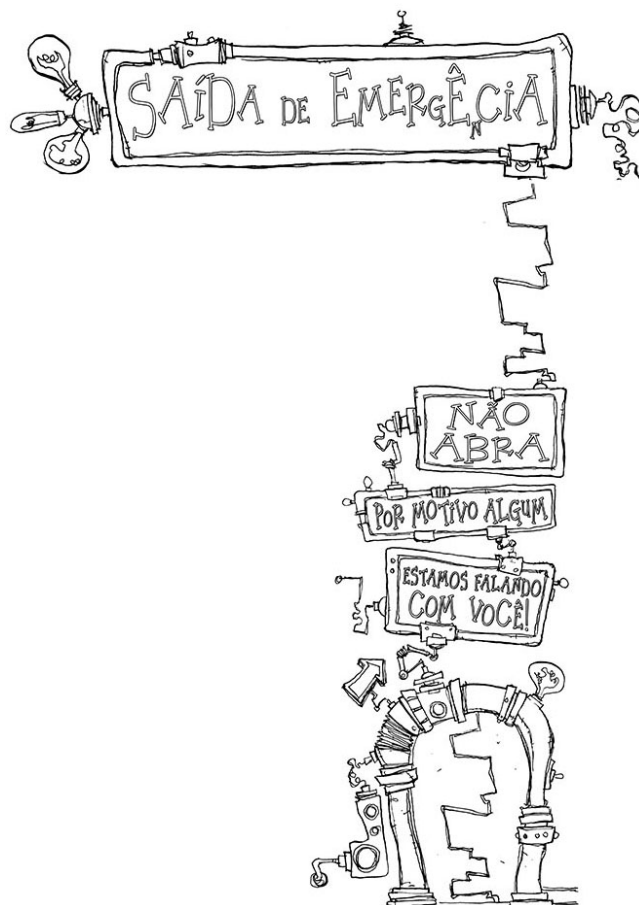
– Nem pense nisso – respondi.



– Então – disse ele –, vamos trazer todos os seus inimigos para cá e deixaremos que eles aborreçam você até que concorde em nos entregar o planeta.

Eu ia comentar com eles que eu não tinha nenhum inimigo quando percebi uma grande porta de metal com os dizeres:

**SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
NÃO ABRA POR MOTIVO ALGUM  
ESTAMOS FALANDO COM VOCÊ!**



Abri a porta.

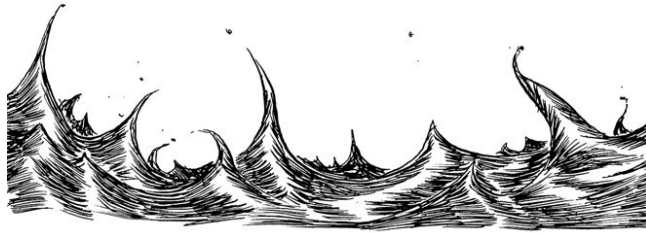
– Não faça isso! – exclamou uma pessoa verde e gosmenta. – Você vai deixar o contínuo espaço-temporal entrar.

Mas era tarde demais; eu já tinha aberto a porta.

**EU PULEI.**

Eu estava

CAI  
NDO.



**Felizmente, eu tinha segurado o leite bem firme, então,** quando eu me esparramei no mar, não perdi a garrafa.

– O que foi isso? – indagou uma voz de mulher. – Um peixeão? Uma sereia? Ou seria um espião?

Eu queria dizer que não era nenhuma dessas coisas, mas estava com a boca cheia de água do mar. Senti quando me içaram para o convés de um pequeno navio. Havia alguns homens e uma mulher no convés, e todos pareciam muito chateados.

– Quem é você, estranho? – perguntou a mulher, que trazia um chapelão na cabeça e um papagaio no ombro.

– Ele é um espião! Uma morsa de casaco! Um novo tipo de sereia com pernas! – exclamaram os homens.

– O que você faz aqui? – inquiriu a mulher.

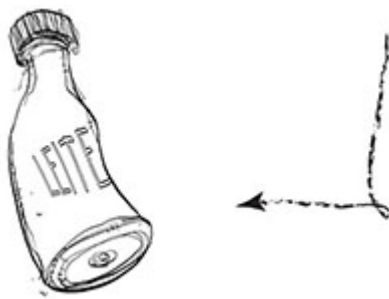
– Bem – respondi –, eu fui à loja da esquina comprar leite para o café da manhã dos meus filhos e para o meu chá e, quando dei por mim...

– Ele está mentindo, Vossa Majestade!

Ela baixou o alfanje.

– Como você ousa mentir para a Rainha dos Piratas?

Felizmente, eu ainda segurava bem firme o leite, **então aponte para ele.**



– Se eu não fui à loja da esquina buscar o leite – perguntei a eles –, de onde veio este leite?

Diante do meu argumento, os piratas ficaram totalmente sem palavras.

– Agora – continuei –, se vocês puderem me deixar em algum lugar próximo ao meu destino, eu ficaria muito agradecido.





– E onde ficaria isso? – perguntou a Rainha dos Piratas.

– Na esquina da rua Marshall com a alameda Fletcher – expliquei. – Meus filhos estão esperando pelo café da manhã.

– Você está num navio pirata agora, meu caro gabão – respondeu a Rainha dos Piratas. – E nós não deixamos ninguém em lugar nenhum. Existem apenas duas escolhas: juntar-se à minha tripulação pirata ou, caso se recuse, nós cortaremos a sua garganta covarde, e você irá direto para o fundo do oceano, onde será comida de peixe.

– E quanto a andar na prancha? – perguntei.

– **NUNCA ouvimos falar nisso!** – responderam os piratas.

– Andar na prancha! – exclamei. – É isso que os piratas de verdade fazem! Olhem, vou mostrar a vocês. Tem uma prancha em algum lugar por aqui?

Demorou um pouco, mas encontramos uma prancha, e eu mostrei aos piratas onde colocá-la. Discutimos se seria o caso de prendê-la com pregos, mas a Rainha dos Piratas decidiu que era mais seguro colocar os dois piratas mais gordos sentados na ponta.

– Por que exatamente você quer andar na prancha? – indagou a Rainha dos Piratas.

Eu subi na prancha. A água azul do Caribe ondulava suavemente abaixo.

– Bem, eu conheço muitas histórias com piratas – expliquei –, e me parece que, quando alguém vai ser resgatado...

Ao ouvirem isso, os piratas riram tanto que suas barrigas balançaram, e o papagaio até voou para longe, de tão espantado.

– Resgate? – zombaram eles. – Não tem resgate por aqui. Estamos no meio do mar.

– Mesmo assim – insisti. – Quando alguém vai ser resgatado, é sempre enquanto está andando na prancha.

– Que é algo que nós não vamos fazer – declarou a Rainha dos Piratas. – Aqui. Tome um **DOBRÃO ESPANHOL** e venha se juntar a nós em nossas aventuras piratas. Estamos no século XVIII – acrescentou ela – e temos sempre lugar para um pirata entusiasmado e brilhante.

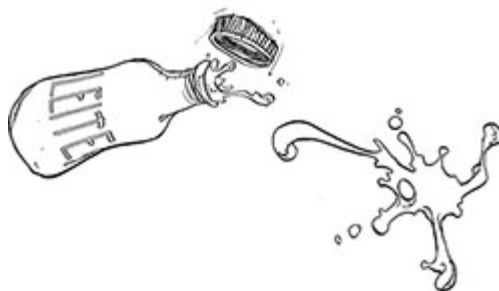
Eu peguei o dobrão.

– Quase tenho vontade de ficar – eu disse. – Mas tenho filhos. E eles precisam de café da manhã.

*– Então, prepare-se para morrer!*

*Ande na prancha!*

Fui até o fim da prancha. Tubarões circulavam. E piranhas também...



**E foi aqui que eu interrompi meu pai pela  
PRIMEIRA VEZ.**

– Peraí – falei. – Piranhas são peixes de água doce. O que elas estavam fazendo no mar?





– VOCÊ TEM RAZÃO – ADMITIU MEU PAI. – AS PIRANHAS APARECERAM MAIS TARDE.  
CERTO. ENTÃO...

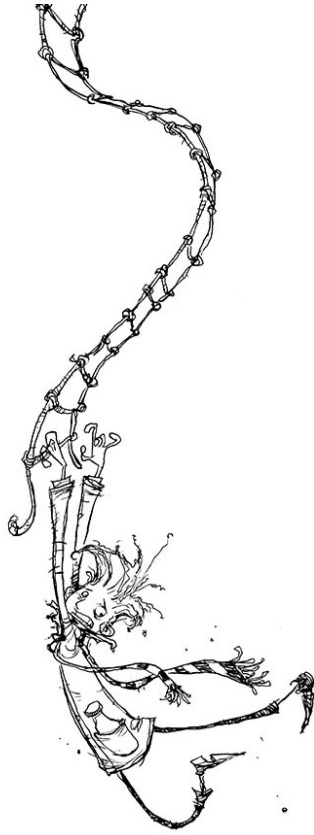


Eu estava na beirada da prancha, encarando a morte certa, quando uma  
Escada de corda bateu no meu ombro e uma voz grave e trovejante gritou:





Não precisei de nenhum encorajamento além desse e agarrei a escada de corda com as mãos. **Felizmente, o leite estava enfiado bem no fundo do bolso do meu casaco.** Os piratas me lançaram insultos e até deram tiros com as pistolas, mas nem os insultos nem os tiros atingiram os alvos, e logo eu alcancei o topo da escada de corda.



Nunca tinha andado na cesta de um balão de ar quente. Era bem pacífico lá em cima.

A pessoa na cesta do balão falou:

– Espero que não tenha se incomodado com a minha ajuda, mas parecia que você estava em apuros lá embaixo.

– Você é um estegossauro! – observei.

– Eu sou cientista – declarou ele. – Eu inventei esta coisa em que estamos viajando, que eu chamo de ‘Transportador Pessoal Redondo Flutuante de Esteg’.

– Eu chamo de balão – comentei.

– Transportador Pessoal Redondo Flutuante de Esteg é o nome original – insistiu ele. – E neste momento estamos cento e cinquenta milhões de anos no futuro.

– Na verdade – retruquei –, estamos mais ou menos trezentos anos no passado.

– Você gosta de cascudos-cabeludos-de-polpa-branca? – indagou ele.

– Cocos? – adivinhei.

– Eu os batizei primeiro – contestou Esteg, e em seguida pegou um coco numa cesta e comeu, com casca e tudo, justamente como eu ou vocês mastigaríamos uma torrada.



O cientista me mostrou a Máquina do Tempo. Ele estava muito orgulhoso. Era uma grande caixa de papelão com alguns pedregulhos e umas pedras coladas do lado. Também tinha um enorme botão vermelho. Eu olhei as pedras.

– Epa! – exclamei. – São diamantes. E safiras. E rubis.

– Na verdade – disse ele –, eu as chamo de pedras-especiais-brilhantes-transparentes, pedras-especiais-brilhantes-azulzinhas e, hum...

– Pedras-especiais-brilhantes-vermelhas? – sugeri.

– De fato – concordou ele. – Batizei-as disso quando estava inventando minha Máquina Superboa Nessa Coisa de Tempo, há cento e cinquenta milhões de anos.

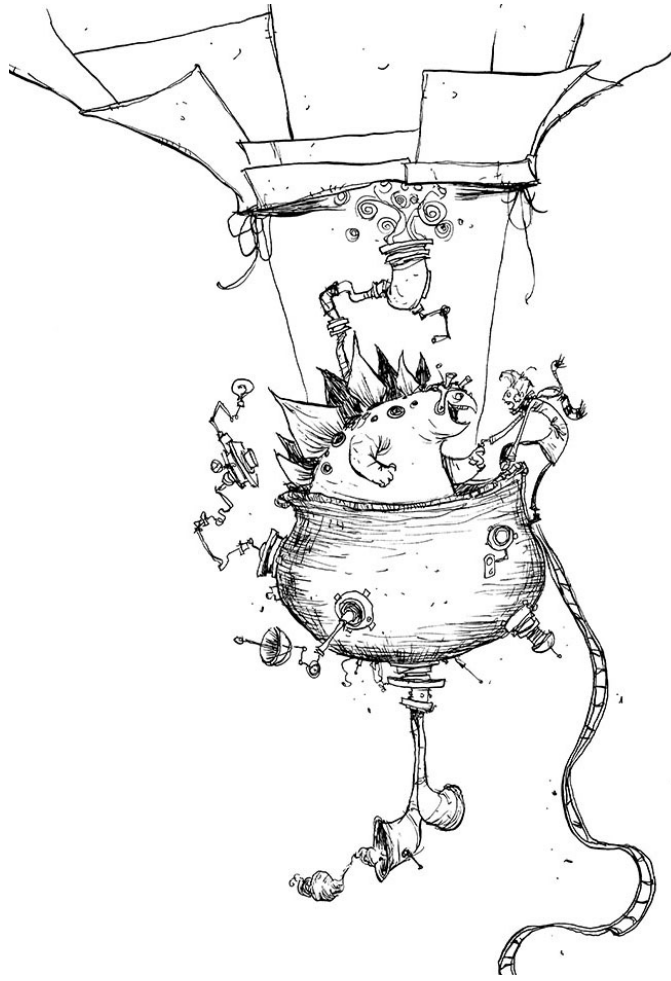


– Bem – comentei –, foi muita sorte minha que você tenha aparecido naquele momento e me resgatado. Estou um tanto perdido no tempo e no espaço neste exato instante e preciso voltar para casa e garantir que meus filhos tenham leite para o café da manhã – eu disse, mostrando o leite a ele. – **Eis aqui o leite.** Se bem que há cento e cinquenta milhões de anos, eu imagino, você chamava isso de ‘coisa branca molhada de beber’.

– Dinossauros são répteis, senhor – disse Esteg. – Não apreciamos leite.

– Vocês gostam de cereal no café da manhã? – perguntei.

– É claro! – exclamou ele. – Dinossauros **AMAM** cereal. Especialmente do tipo com nozes e castanhas.



– O que vocês botam no cereal? – indaguei.

– Suco de laranja, quase sempre. Ou comemos o cereal puro mesmo. Mas vou registrar isto no meu livro: *No futuro distante, pequenos mamíferos botam leite no cereal*. Escreverei um livro maravilhoso quando voltar ao presente.

– Na verdade – comentei –, acho que isto é definitivamente o passado. Há piratas aqui.

– Isto é o futuro – insistiu ele. – Todos os dinossauros foram embora para as estrelas, deixando o mundo para os mamíferos.

– Eu sempre quis saber aonde todos vocês foram – confessei.

– Às estrelas – revelou o cientista Esteg. – E é para lá que nós teremos ido.

– Então – continuei –, você pode me levar para casa?

– Bem – respondeu ele. – Sim e não.

– O que isso quer dizer?

– Sim, eu adoraria levar você para casa. Nada me faria mais feliz. Não, eu não posso levar você para casa. Honestamente, não acredito que eu possa **me** levar para casa. Minha Máquina do Tempo está um tanto temperamental. Preciso de uma pedra-especial-brilhante-verdinha. Apertei aquele botão várias vezes, mas nada aconteceu.

– *Botão?* Você não quer dizer ‘coisa-grande-e-vermelha-de-apertar’? – perguntei.

– Certamente que não. É um botão. Dei esse nome em homenagem à minha tia Botão.

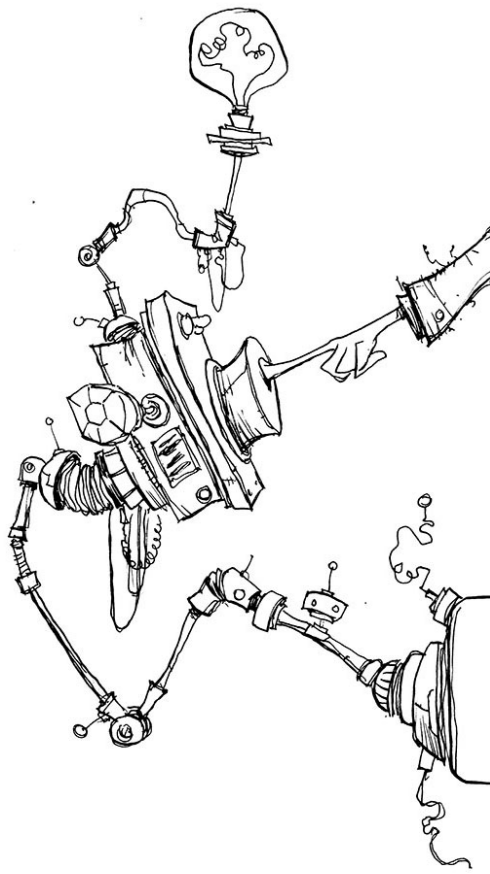
– Posso apertar?

– Se você quiser.

Eu apertei o botão. O sol disparou pelo céu, que começou a piscar entre noites e dias, e o balão começou a balançar, solavancar e esvoaçar de um lado para outro como uma mosca furiosa.

Eu me agarrei às cordas com toda a minha força. **Felizmente, eu ainda estava segurando muito bem o leite na minha mão direita.**





Quando nós paramos de ser soprados por todo o céu, era noite e, de acordo com o cientista Esteg, nós só tínhamos voltado mais ou menos uns mil anos. A lua estava quase cheia.

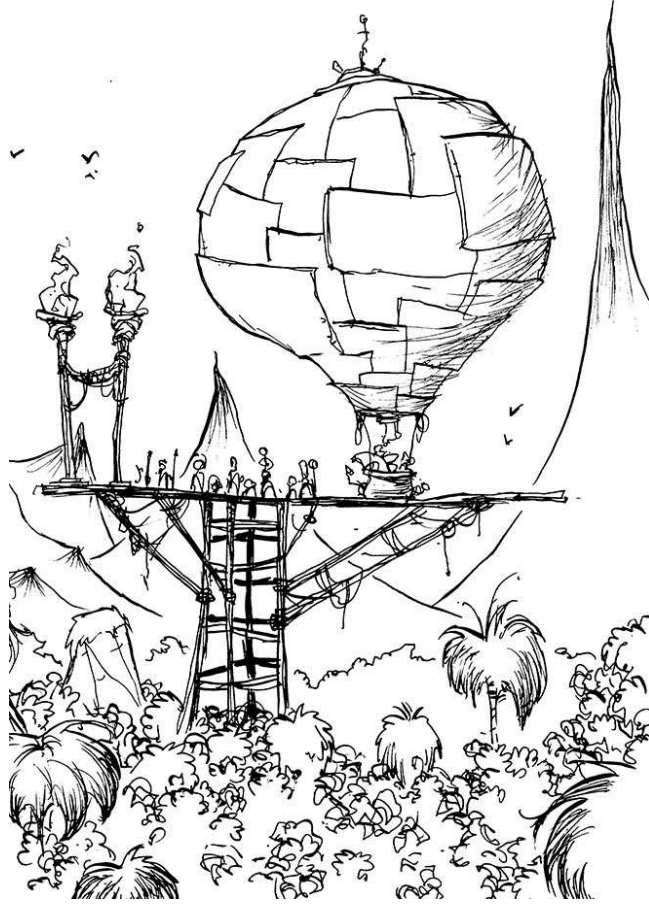
– Eu ainda estou longe dos meus filhos e do nosso café da manhã –  
apontei.

– Você tem o seu leite – afirmou ele. – Onde há leite, há esperança. Ah, bem ali. Parece a perfeita plataforma de pouso para cientistas viajantes do tempo num Transportador-Pessoal-Redondo-Flutuante.

Aterrissamos na plataforma e saímos do balão. A plataforma se erguia da selva e tinha tochas flamejantes de cada lado. Havia pessoas nela, com cabelo bem negro e facas de pedra bem afiadas.







– Isto é uma plataforma de pouso de balões? – perguntei às pessoas.

– Não é, não – respondeu um homem gordo. – É o nosso templo. Tivemos uma safra bem ruim no ano passado e tínhamos acabado de pedir aos deuses um sacrifício, para garantir que a safra deste ano seja melhor. Aí você desceu flutuando naquela coisa, com seu monstro.

– Muito obrigado, por sinal – disse um homenzinho magro. – Eu seria o sacrifício se ninguém aparecesse. Agradecido mesmo.

– Então agora vamos sacrificar você e seu monstro.

– Mas os meus filhos estão esperando pelo café da manhã! – exclamei. – Olhem só! – Ergui o leite.

– Por que eles todos se ajoelharam de repente? – perguntou Esteg. – É um comportamento normal dos mamíferos pelados? Talvez eu devesse levantar um dos cascudos-cabeludos-de-polpa-branca e ver o que acontece.

– Coco! – falei. – O nome disso é coco!

– O que você está segurando? – perguntou o homem gordo.

– Leite – respondi.

– **LEITE!** – exclamaram eles, se prostrando no chão.

– Temos uma profecia – explicou o homem gordo. – Quando um homem e um monstro com costas espinhentas descerem dos céus numa coisa flutuante redonda...

– Transportador-Pessoal-Redondo-Flutuante – corrigiu o homenzinho magro.

– Isso, um desses. A profecia diz que, quando isso acontecer, se o homem erguer o leite, então não podemos sacrificá-los, mas teremos que levar os dois até o vulcão e lhes dar, como presente, a joia verde, que é o Olho de Explod.

– Explod?

– Ele é o deus das pessoas com nomes curtos e engraçados.

– Essa é uma profecia particularmente específica – comentei. – Quando vocês a receberam?

– Quarta-feira passada – contou o homem gordo, orgulhoso. – O sacerdote de Esplod foi acordado no meio da noite por uma voz sussurrando dos céus. E, quando foi ver quem era, não havia ninguém. Além disso, ele estava dormindo no topo do templo, e ninguém mais poderia estar lá com ele. Então só pode ter sido o próprio Esplod falando ou um de seus mensageiros angelicais.



Nós caminhamos juntos por uma trilha na selva. O cientista Esteg carregava na boca uma corda longa presa ao balão, e assim ele arrastava o balão pelo caminho. Depois de meia hora, alcançamos o vulcão.

Não era um vulcão muito grande. Fiapos de fumaça subiam do topo.

Na lateral do vulcão havia um enorme rosto assustador esculpido com um olho no meio da testa. O olho era a maior esmeralda que eu jamais vi.

– Uma pedra-especial-brilhante-verdinha! – exclamou Esteg, com a boca cheia de corda.

O homem gordo subiu pela lateral do vulcão.

– Ainda bem que o próprio Esplod falou pra gente dar a vocês o Olho de Esplod – comentou o homenzinho magro que escapara por pouco de ser sacrificado. – Porque há outra profecia que diz que, se o Olho de Esplod for removido, o Grande Esplod acordará e espalhará destruição flamejante por toda a terra.

– Aqui está – disse o homem gordo.

Ele nos entregou a esmeralda. Esteg subiu agilmente pela escada de corda até a gôndola do balão e começou a instalar a pedra na Máquina do Tempo.

– Peraí. Ele não era um estegossauro?

– SIM.



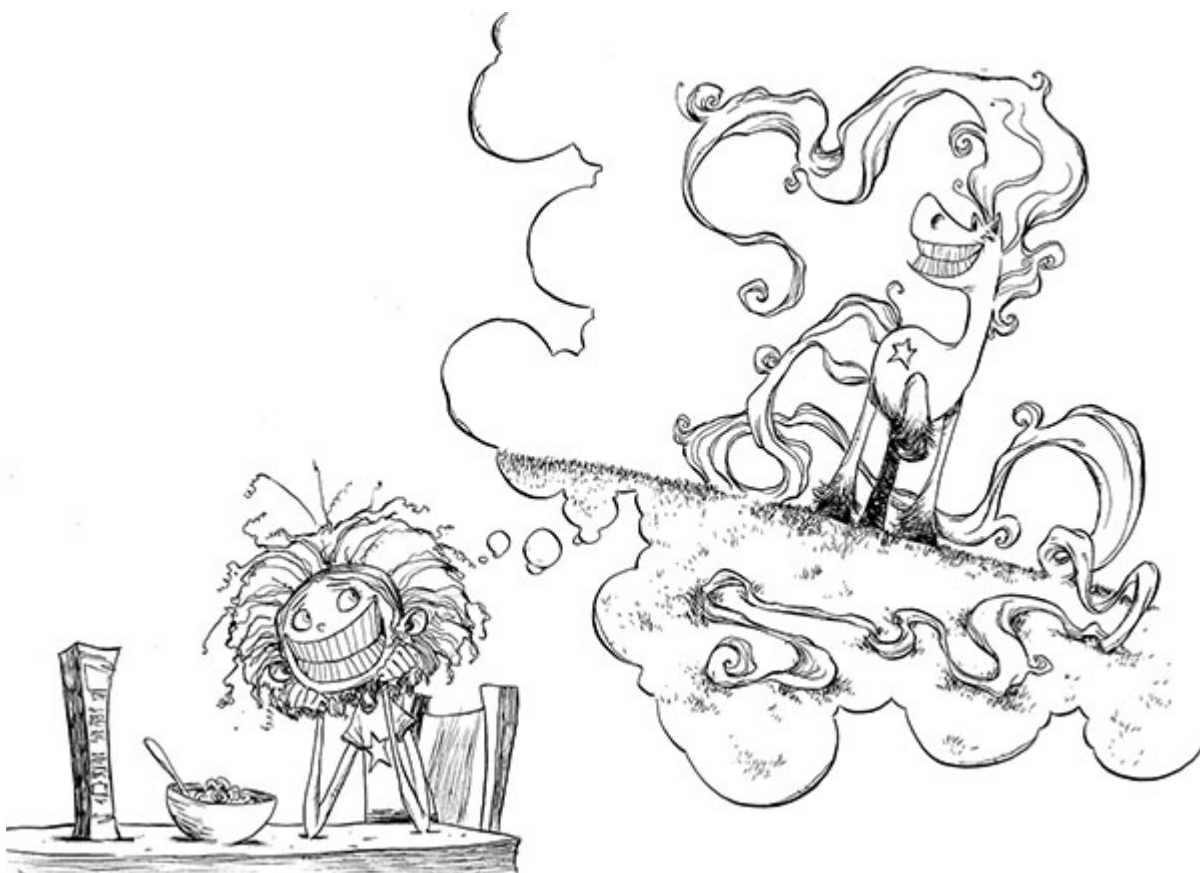




– Então como ele subiu tão agilmente por uma escada de corda?

– ELE ERA – EXPLICOU MEU PAI – UM GRANDE ESTEGOSSAURO, MAS ERA MUITO ATLÉTICO. TEM PESSOAS GORDINHAS QUE DANÇAM MUITO BEM.

– Tem algum pônei nessa história? – perguntou minha irmã. – Achei que eles já teriam aparecido a esta altura.



– Tu estava parado no solo, segurando a escada de corda, quando o chão tremeu e o vulcão minúsculo começou a cuspir fumaça e lava.

– Esplod está bravo! – gritou o homenzinho magro. – Ele quer o olho de volta.

Uma ventania súbita fez o balão me puxar para cima, bem alto, acima da lava borbulhante.

Infelizmente, deixei o leite cair. Não estava segurando forte o bastante. Caiu no topo da cabeça de Esplod.

O cientista Esteg puxou a escada de corda para cima com o rabo.

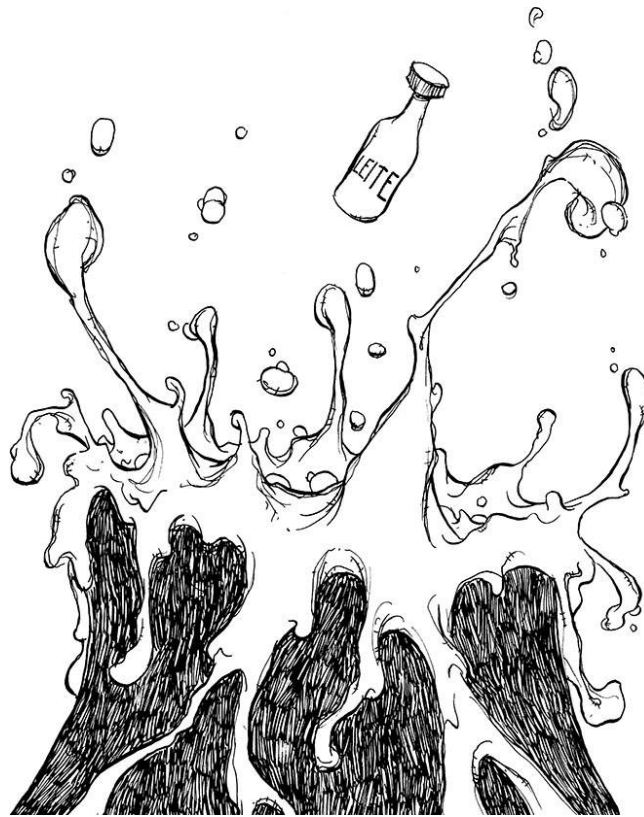
– **EU PERDI O LEITE!** – contei a ele.

– Isso não é bom – admitiu ele.

– Mas eu sei onde está. No alto da cabeça de Esplod, na lateral do vulcão.

– Por Esplod! – exclamou o cientista. – O que raios é aquilo?

Diante dos nossos olhos surgiu outro balão, exatamente igual ao nosso, sobre o vulcão. Um homem desceu a escada de corda apressado. Ele colocou uma imensa esmeralda no olho de Esplod, pegou o leite da cabeça de Esplod, correu escada acima, e o balão desapareceu.

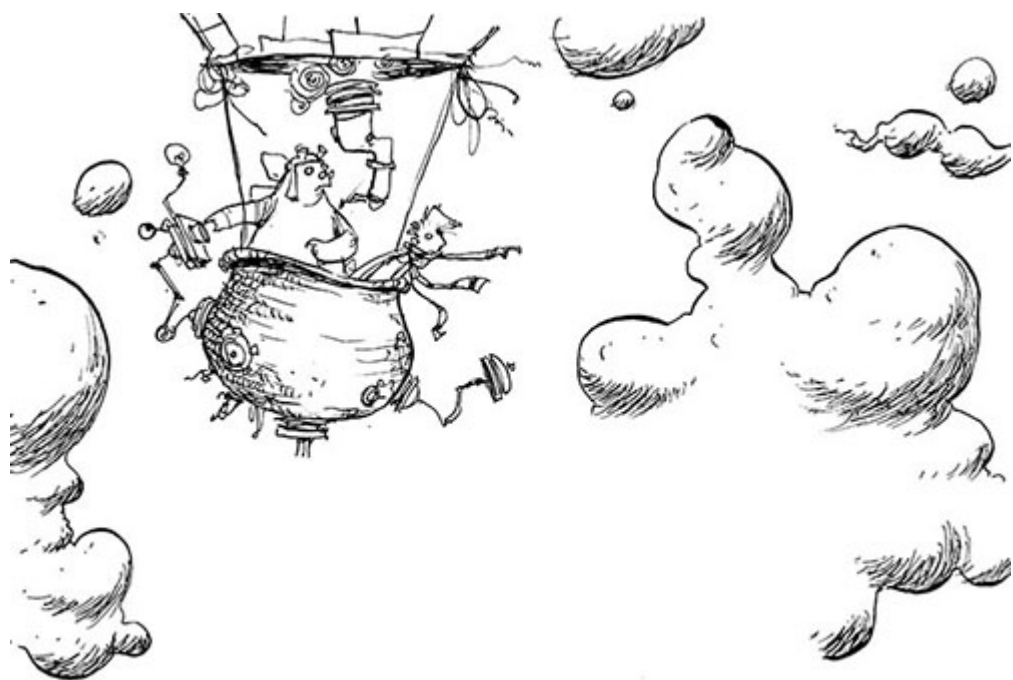


O vulcão minúsculo teve sua erupção interrompida subitamente, como se tivesse sido desligado.

– Isso foi um tanto peculiar, não foi? – comentou o cientista.

– De fato – concordei, dominado pelo desalento, pela desesperança e pelo desespero. – Aquele homem no balão roubou meu leite. Estamos perdidos no passado, com selvas, piratas e vulcões. Agora nunca mais vou voltar para casa. Meus filhos nunca vão tomar o café da manhã. Estamos condenados a flutuar para sempre pelo ar poeirento do passado num balão de ar quente.

– Não é um balão – corrigiu Esteg. – É um Transportador-Pessoal-Redondo-Flutuante. Quanta bobagem você fala. Agora, eu acho que *isso* deve resolver tudo.







O cientista terminou de instalar a esmeralda na caixa, usando muito barbante e um pouco de fita adesiva, e apertou o botão vermelho.

– Aonde vamos? – perguntei. Parecia que o sol estava zunindo pelo céu, como se as noites seguissem os dias num tremeluzir estroboscópico.

– Ao futuro muito, muito distante! – afirmou Esteg.

A máquina parou.

Estávamos flutuando no ar sobre uma planície gramada, com uma montanha cinzenta muito pequena abaixo.

– Aí está – disse Esteg. – Agora é um vulcão extinto. **MAS VEJA SÓ!**



Na lateral do vulcão extinto estava esculpido o rosto de Esplod, ainda reconhecível, mesmo que muito erodido pelo tempo e o clima, e no olho único havia uma enorme esmeralda verde, uma gêmea perfeita daquela que tínhamos instalado na Máquina do Tempo.

– Certo – disse o cientista. – Pegue aquela pedra-especial-brilhante-verdinha.

Desci pela escada de corda e tirei a esmeralda da órbita ocular.

Abaixo de mim, na planície, vários pôneis coloridos tinham se reunido e, quando peguei a esmeralda, um deles gritou para mim:

– Você deve ser o homem sem leite. Ouvimos falar de você nas nossas lendas.

– Por que você é um pônei rosa com uma estrela azul-bebê no flanco? – perguntei.

– Pois é – respondeu o pônei, com um suspiro. – É o que todo mundo está usando hoje em dia. Estrelas azul-bebê são *tão* coisa do ano passado.

Esteg se inclinou sobre a beira da cesta do balão.

– Ande logo! – gritou ele. – O vulcão vai entrar em erupção a qualquer momento!

O vulcão fez um barulho como um enorme arrote, e o meio dele desabou em si mesmo.

– A gente achava que ele fosse fazer isso – afirmou um pônei verde com uma crina cintilante.

– Havia uma profecia, imagino – comentei.

– Não. Só que nós somos muito inteligentes. – Todos os pôneis concordaram com a cabeça. Eram pôneis muito inteligentes.

– Fiquei tão feliz com esses pôneis – declarou minha irmã.



Voltei à cesta do balão. O cientista Esteg tirou a primeira esmeralda da Máquina do Tempo e a substituiu com aquela que eu tinha acabado de tirar do rosto desgastado de Esplod-do-Futuro.

– Sob nenhuma circunstância, não importa o que você faça – começou o cientista –, deixe que essas duas pedras se toquem.



– Por que não?

– Porque, de acordo com os meus cálculos, se o mesmo objeto de dois tempos diferentes se tocar, uma de duas coisas acontecerá. O universo vai cessar de existir. Ou três anões espantosos dançarão pelas ruas com vasos de plantas na cabeça.

– Isso soa incrivelmente específico – comentei.

– Eu sei. Mas é *ciência*. E é muito mais provável que o universo acabe.

– Imaginei que fosse.

– Você parece tão triste – apontou Esteg.

– E estou! É por causa do leite. Meus filhos estão sem café da manhã...

– O leite! – exclamou o cientista Esteg. – É claro! – E, com isso, ele apertou o botão vermelho com a cauda blindada.

Houve um *ZUUM*, um *TUORP* e um *TNANG* enquanto disparávamos pelo vazio cósmico.

E então ficou escuro.

### **Muito escuro.**

– Epa – disse Esteg. – Passei um pouco do ponto. Só uma semana, porém. Peraí...

Esteg se inclinou sobre a beirada da cesta.

– Com licença – disse ele. – Tem alguém por aí?

– Só eu – respondeu uma voz que soava muito surpresa, abaixo de nós. – O sacerdote de Esplod. Quem está aí no céu? É um pássaro? Você não tem voz de pássaro.

– Não sou um pássaro – explicou o cientista Esteg. – Sou uma maravilhosa, porém misteriosa voz profética, transmitindo a você uma

poderosa profecia. Tão poderosa que... hum... Muito poderosa mesmo. Escute. Quando um enorme e garboso indivíduo de costas espinhentas...

– Monstro – corriji. – A profecia disse enorme monstro.

– Acompanhado de um ser humano mirrado de aparência revoltante... –  
continuou Esteg.





– Isso foi desnecessário.

– ... Aterrissarem num Transportador Pessoal Redondo Flutuante, vocês não devem sacrificá-los. Em vez disso, levem a dupla ao vulcão e lhes entreguem o Olho de Explod. E será assim que vocês os conhecerão: o humano levantará o leite.

– Essa é a profecia? – perguntou a voz.

– É.

– Tem alguma coisa sobre safras nela?

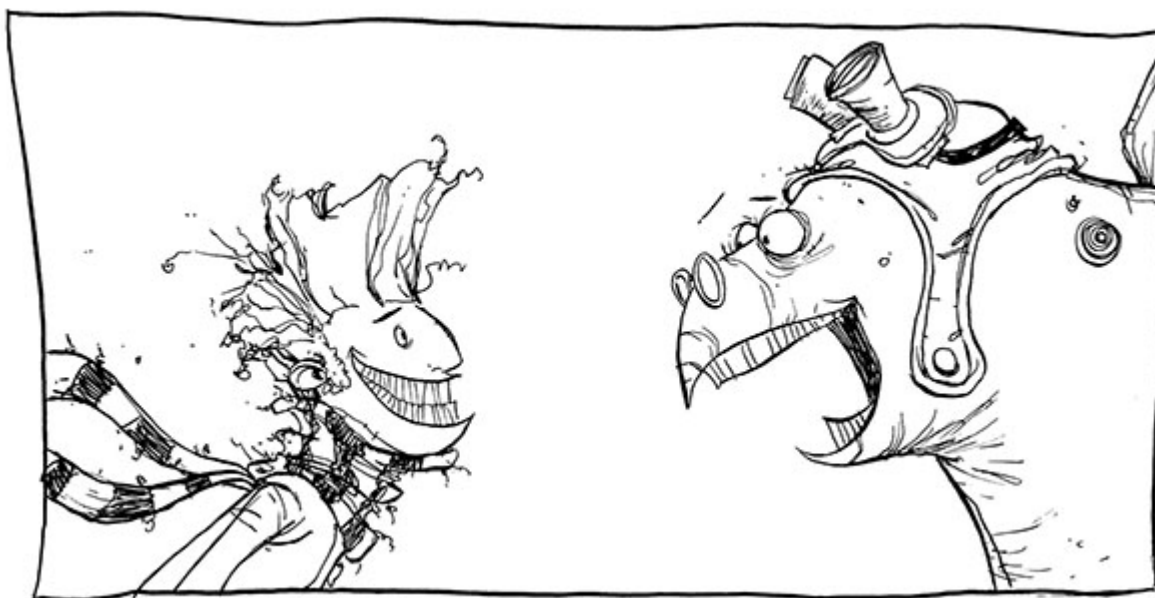
– Temo que não.

– Ah, paciência. Obrigado de qualquer maneira, vozes misteriosas e proféticas do ar.

Eu apertei o botão vermelho.

Luz do dia. Estávamos no meio de uma erupção vulcânica bem familiar.

– Rápido! – exclamei. – Me dê a esmeralda!



Um pouco mais adiante, eu vi um balão sendo soprado pelo ar, e chamas e cinzas rodopiavam ao vento. Eu vi a mim mesmo no balão, parado ao lado de

Esteg, boquiaberto. Eu parecia muito infeliz.

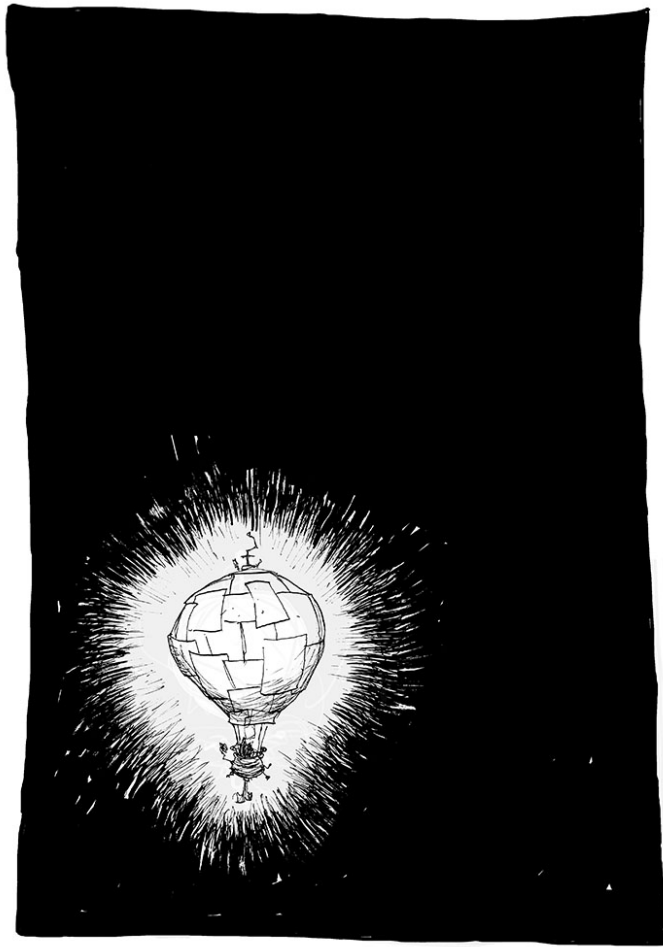
O cientista Esteg – o **MEU** cientista Esteg – me deu a esmeralda.



Desci rapidamente pela escada de corda e coloquei a esmeralda de volta no olho. Então, enquanto a erupção do vulcão morria, eu olhei em volta, procurando o leite. Sabia que tinha aterrissado na lateral da cabeça de Esplod.

**Felizmente, o leite** tinha caído num montinho de cinza vulcânica e estava ileso. Eu o peguei, limpei e voltei a subir a escada de corda. Esteg apertou o botão.

**O céu ficou escuro.**



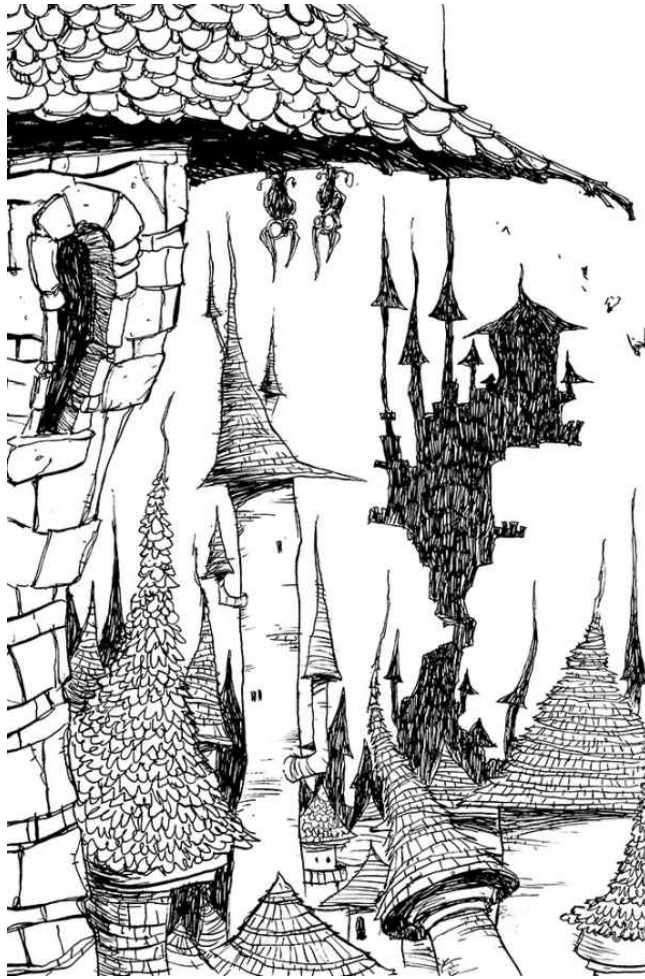
Estávamos FLUTUANDO sobre uma paisagem de torres  
sombrias e castelos inquietantes. Não era um lugar amistoso.  
Morcegos voavam pelo céu em enormes grupos, ocultando a  
lua minguante.

– Não gosto deste lugar – falei para o cientista.

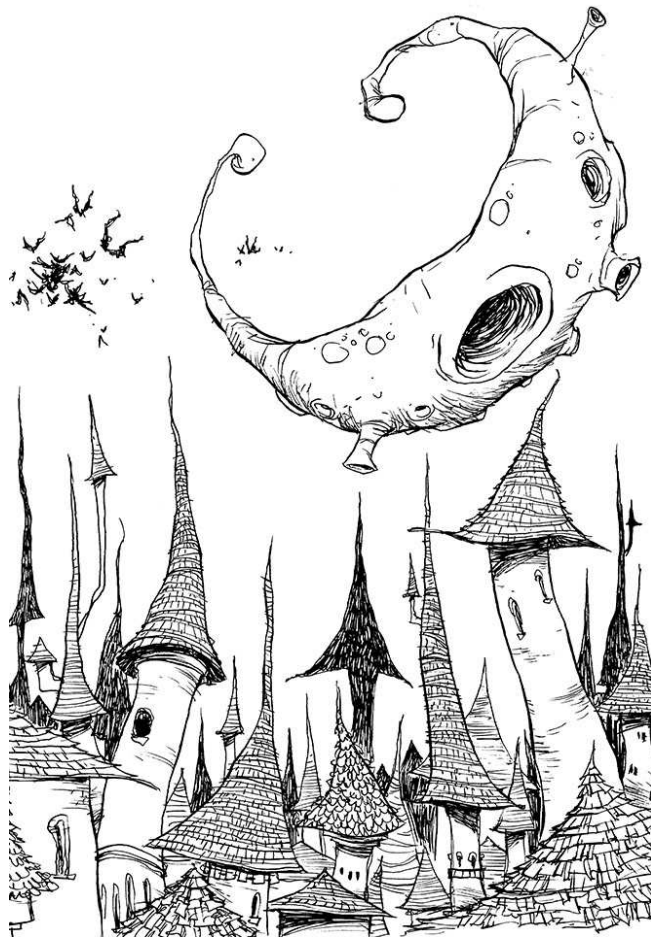
– Não vejo por quê – respondeu ele. – Parece que será  
muito bonito quando o sol nascer.

Houve um FLUT! alto e, onde os morcegos tinham  
voejado, várias pessoas pálidas agora estavam paradas. O  
homem na frente tinha uma cabeça muito careca.

TODOS ELES TINHAM  
DENTES AFIADOS.







– Nós somos wumpiros – anunciaram eles. – O que é isto? Quem são vocês? Respondam, ou vamos estripar vocês.

– Meu nome é Esteg, cientista Esteg – ribombou o estegossauro. – Este é o meu assistente. Estamos numa missão importante. Eu estou tentando voltar ao presente. Meu assistente está tentando voltar para casa, no futuro, para o café da manhã.

Ao ouvir as palavras CAFÉ DA MANHÃ, todos os wumpiros ficaram muito animados.

– Não tomamos nosso café da manhã – explicaram. – Normalmente comemos wermes apetitosos, misturados com suco de laranja. Aí os wermes ficam ainda mais apetitosos. Que nem espaguete molhadinho. Mas, se não tiwermos wermes, podemos comer assistente, ou mesmo cientista assado.

Um dos wumpiros pegou um garfo e me olhou de cima a baixo de um jeito meio faminto.



O mais careca, mais esbugalhado e mais cara-de-rato deles perguntou:

– O que é essa caixa?

– É a minha invenção mais incrível – anunciou o cientista Esteg com orgulho, mas eu o interrompi.

– É para guardar sanduíches – expliquei.

– Sanduíches? – repetiu o wumpiro.

– Sanduíches – assegurei, com toda a certeza que pude.



– Achamos que fosse uma Máquina do Tempo – afirmou o wumpiro chefe, com um sorriso afiado e maroto. – E nós poderíamos usá-la para invadir o mundo!

– Definitivamente sanduíches – falei para ele.

– O que acontece se eu apertar esse botão, então? – indagou uma dama wumpira. Ela tinha longos cabelos negros que lhe cobriam quase todo o rosto e espiava o mundo com um único olho desconfiado.



Ela apertou o botão. Avançamos seis horas no tempo.

– Viu? – comentou o cientista, alegre. – Tudo o que este lugar precisava para ficar mais simpático era um pouco de luz do sol.

– O quê?! – exclamou o wumpiro chefe, que logo depois se dissolveu numa nuvem de fumaça preta oleosa. Assim como todos os amigos dele.

– É verdade – concordei. – É uma bonita cidade, afinal. À luz do dia.

O cientista futucou as pedras preciosas e o barbante e os botões. Então anunciou:

– Acho que está perfeitamente ajustada agora. O próximo apertão deve nos levar de volta ao seu tempo, lugar e café da manhã.

Porém, antes que a ponta da cauda dele pudesse tocar o botão, uma voz disse:

– Explico mais tarde. Destino do mundo em perigo.

A mão agarrou, e o leite, que eu tinha carregado com segurança por tanto tempo, se foi. Eu me virei a tempo de ver um cavalheiro muito distinto de costas para mim, segurando meu leite, e então o buraco no espaço pelo qual ele tinha pegado o leite se fechou.

– MEU LEITE!

– Ele disse que ia explicar mais tarde – defendeu o cientista. – Eu acreditaria nele.

O buraco no espaço se abriu de novo. Uma voz gritou:

– Pega!

E o leite veio que nem um foguete.

**Felizmente, o leite** bateu na minha barriga e, ao agarrar a barriga por causa da dor, eu peguei o leite.



– Pronto – disse o cientista. – Tudo voltou ao normal.

– Ele disse mesmo que explicaria mais tarde – aponte. – Mas isso não foi lá uma grande explicação.

– Mas *agora* ainda não é mais tarde – explicou Esteg. – Ainda é agora. Não vai ser mais tarde até mais tarde.

Ele estava organizando pedrinhas e pedras e barbante no topo da Máquina do Tempo.

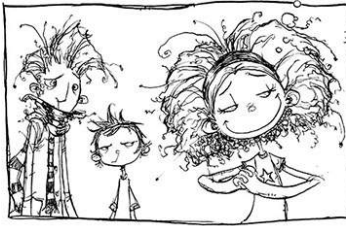
– Coordenadas finais registradas – anunciou ele. – E agora lá vamos nós à sua casa para o café da manhã.

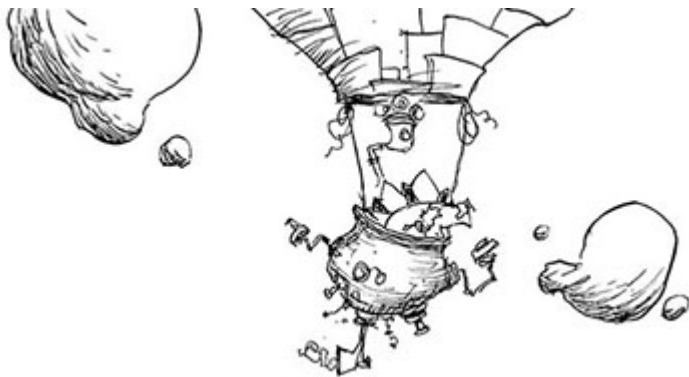
– Isso quer dizer que tem um estegossauro num balão lá fora? – perguntei ao meu pai.

– NÃO TEM NÃO – RESPONDEU ELE. – POR MOTIVOS QUE LOGO FICARÃO CLAROS.

– Acho que deveria ter alguns wumpiros bonitos lá fora – comentou minha irmã, sonhadora. – Wumpiros bonitões e incompreendidos.

– NÃO TEM NÃO – ASSEGUROU MEU PAI.





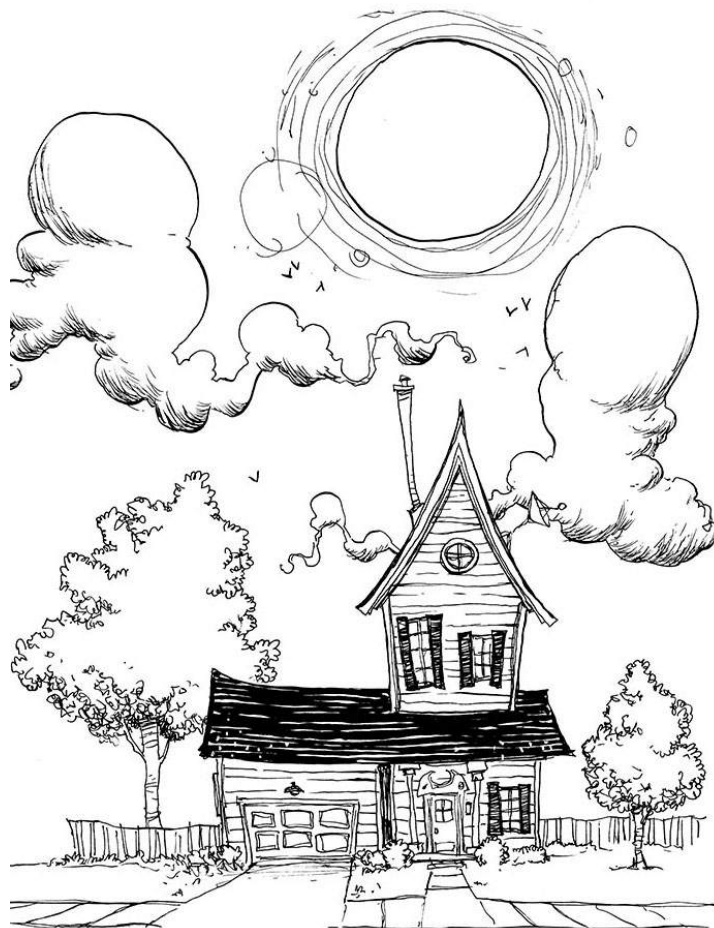
– Você gostaria de apertar o botão? – perguntou o cientista Esteg.

Apertei o botão vermelho. Meu ouvido estalou com o barulho que se seguiu e o piscar das eras, e eu me vi flutuando, numa gôndola de balão, sobre a intercessão da rua Marshall com a alameda Fletcher. Dava para ver nossa casa lá de cima. As bicicletas no quintal. A cabaninha do coelho.

– Chegamos! – exclamei e dei tapinhas amistosos nas placas dorsais de Esteg.

– Foi muito bom ter você como companheiro de viag... Argh! – disse o cientista, porque soou aquele barulho familiar de **tumm-tumm** e, antes que eu tivesse a chance de apertar o botão vermelho, fomos depositados, com balão e tudo, no enorme convés de metal de um disco voador, com vários seres verdes gosmentos e muito ranzinzas nos encarando com olhos demais. Eles não pareciam felizes.

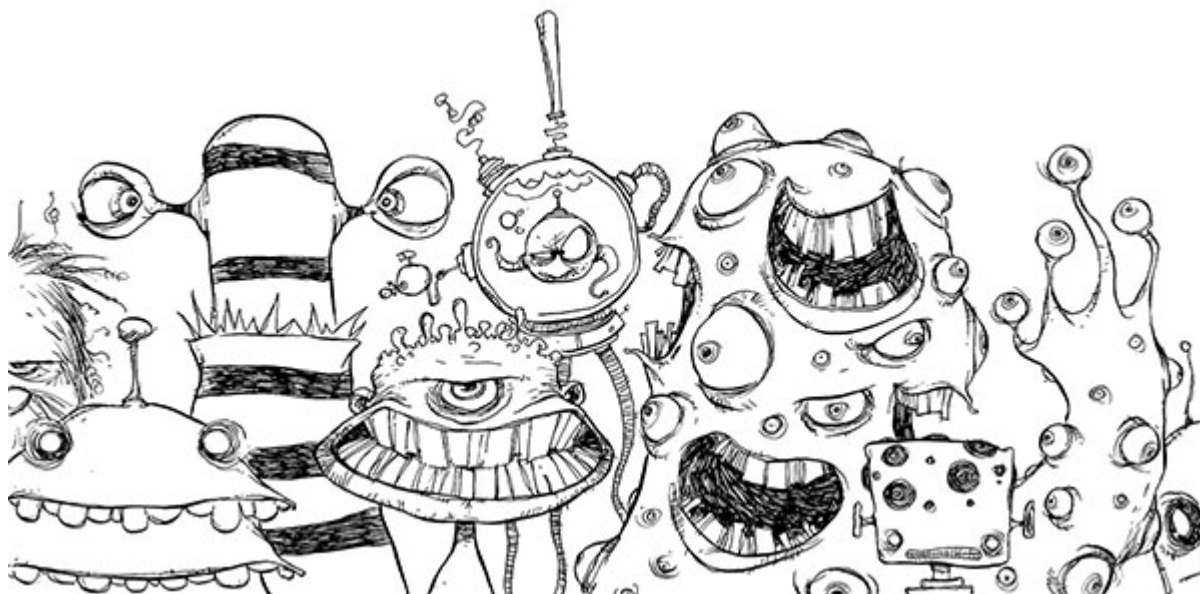




– RáRÁ! – exclamaram vários deles ao mesmo tempo. – Você achou que tinha escapado da gente! E estava enganado! Agora, precisa nos ceder a posse do planeta, para que a gente possa reformá-lo. Vamos remover todas as árvores, para começar, e colocar flamingos de plástico.

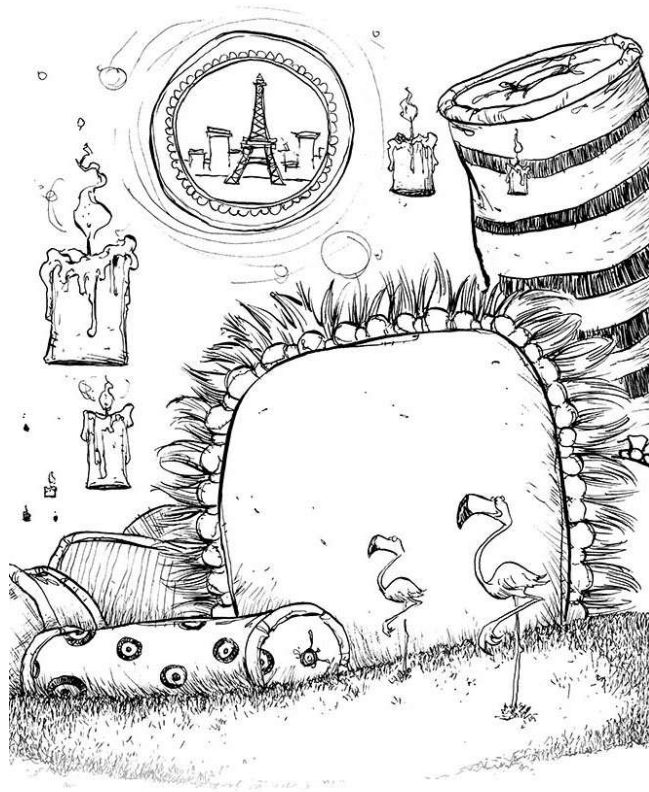
– Por quê?

– A gente curte flamingos de plástico. Consideramos que são a mais elevada e refinada forma de arte que a Terra alcançou. E são mais elegantes que as árvores.



- A gente também vai trocar as nuvens por velas perfumadas.
- Também curtimos velas perfumadas – explicou um enorme ser verde gosmento, que parecia feito basicamente de meleca.
- Também adoramos pratos decorativos! – anunciou outra. – Vamos colocar um prato decorativo no lugar da lua.
- Um prato decorativo **GRANDE** pra valer, mostrando os monumentos do mundo.
- E depois vamos trocar todos os monumentos do mundo por pratos decorativos com fotos dos monumentos neles também, então a Torre Eiffel vai ser trocada por um pratão com uma foto da Torre Eiffel nele. E a Austrália vai ser substituída por um prato ridiculamente gigante, ilustrado com a Austrália.
- E aí vamos trocar todas as suas montanhas por almofadas – afirmou o menor e mais gosmento de todos, com a vizinha glutinosa carregada de triunfo.





– Aprendemos muito com nosso encontro anterior – comentaram alguns gosmentos colados numa parede. – Se você olhar ali, verá que a porta para o contínuo espaço-temporal que você usou para escapar da última vez está seguramente trancada.

Estava definitivamente trancada. Havia um cadeado enorme nela e uma placa dizendo

**MANTENHA DISTÂNCIA**

em letras vermelhas hostis. Também havia correntes em volta dela e uma fita que dizia

**NÃO PASSE DAQUI**

e uma placa escrita à mão que afirmava

*Para Sua Conveniência,  
Por Favor, Use Outra Porta.*

**A FUGA ERA IMPOSSÍVEL.**



– Ah, a gente também desativou sua Máquina do Tempo.

Olhei para o cientista. As placas dorsais dele estavam caídas, e sua cauda estava... bem, não exatamente entre as pernas dele, porque estegossauros não são feitos assim, mas, se fossem, ela estaria entre as pernas.

– Nós rastreamos seus movimentos pelo tempo e o espaço – explicou um grande alien gosmento diante de um console com uma tela.

– Agora, veja o que acontece quando eu aperto este **grundledorfer** – anunciou um alien particularmente gotejante. Ele estava meio pregado na parede, ao lado de um enorme e reluzente botão preto.

– O nome disso é botão – falei.

– Bobagem. Batizamos isso em homenagem à nossa tia de ninhada, Nessie Grundledorfer – contaram os aliens gosmentos. O alien particularmente gotejante apertou o botão preto na parede de metal com algo que poderia ter sido um dedo, ou poderia ter sido um longo filete de meleca.

**Houve um CRAK.**

**Houve um Shssssss.**

À nossa volta, com atitudes de raiva e irritação, havia vários piratas, algumas das pessoas de cabelos pretos da selva, um deus vulcânico muito infeliz, um aquário cheio de piranhas e alguns wumpiros.



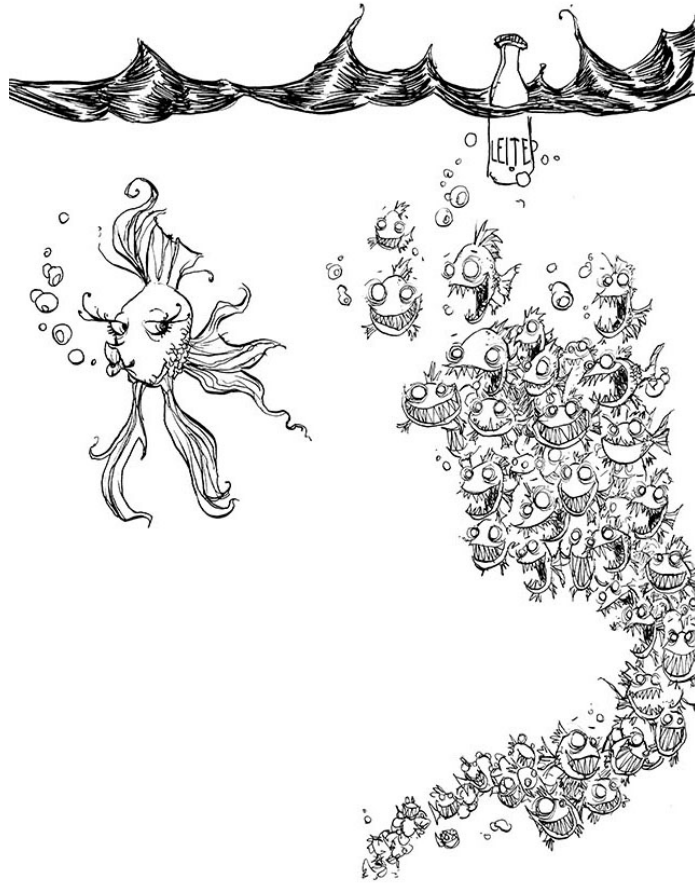






– Não sei se entendo o que as piranhas estão fazendo – comentou minha irmã.





– ELAS PARTICIPARAM DE UMA ESCAPADA DIFÍCIL QUE ACONTECEU MAIS CEDO, E EU ME ESQUECI DE MENCIONAR – EXPLICOU NOSSO PAI. – FELIZMENTE, O LEITE FLUTUOU NUM MOMENTO CRUCIAL E TUDO ACABOU BEM.

– Como eu imaginava – respondi.

– Oh-oh – falei então.

– Preparem-se para serem afogados, seus cães sarnentos – gritaram os piratas.

– Deixem a gente sacrificar os dois para o grande Esplod! – rugiram os homens com cabelos negros brilhantes.

– Eles roubaram meu olho! Duas vezes! – grunhiu o poderoso Esplod.

– Nós queremos esses wilões e wermes violentamente feridos! – proclamou uma wumpira alta com longas unhas.

As piranhas não disseram nada, mas se remexeram no aquário, com cara de malvadas.







– Estamos perdidos – resmungou o cientista Esteg. – Não podemos escapar. Eles nos congelaram no tempo e tiraram nosso poder. Nem mesmo minha poderosa Máquina do Tempo pode fazer mais do que abrir uma janelinha no tempo e espaço, menor do que uma abertura que nos permitisse passar.

– Mas você consegue fazer isso? – perguntei. – Abrir uma janela no tempo para nossa última localização?

– É claro, mas para quê?

– Rápido! – exclamei. – Abra!

O cientista Esteg apertou o botão na caixa com a ponta do focinho.

Houve um *zum!* e um *plip!* e uma janela se abriu no tempo e no espaço, grande o suficiente para um braço passar.

Eu enfiei a mão nela.

– Explico mais tarde. Destino do mundo em perigo. – Agarrei o leite de mim mesmo, quinze minutos mais cedo, pelo pequeno portal espaço-temporal.

– Você deve gostar mesmo de leite – comentaram os aliens gosmentos. – Mas essa sede por líquidos lácticos não provocará pena na gente nem nos fará soltar vocês e poupar seu planeta cafona.

– Pois deveria – retruquei. – O que eu estou segurando na minha mão esquerda?

– O leite – responderam eles.

– E o que estou segurando na minha mão direita?

Eles fizeram uma pausa. Então um alien, tão verde e tão pequeno, tão gosmento e tão cheio de crostas que mais parecia uma enorme bolha de meleca assoada por um elefante muito gripado, disse:

– ... o mesmo leite de quinze minutos mais cedo.





– Exatamente – confirmei. – Agora, pensem com muito cuidado. O que aconteceria se eu encostasse essas duas garrafas de leite uma na outra?

Os aliens gosmentos ficaram de um verde muito pálido. Os piratas, homens de cabelos negros brilhantes e piranhas olharam para eles, confusos, procurando alguma explicação, assim como os wumpiros.

– Se duas coisas que são a mesma coisa se tocarem – proclamou o deus vulcão –, então o universo inteiro vai acabar. Assim diz o grande e indizível Esplod.

– Como um vulcão sabe tanto sobre metaciência transtemporal? – indagou um dos aliens verde-pálido.





– Ser uma formação geológica dá muito tempo para pensar – explicou Esplod. – Além disso, eu assino uma variedade de publicações científicas.

Tossi de uma forma que eu esperava ser tenebrosa.

– Então... – eu disse.

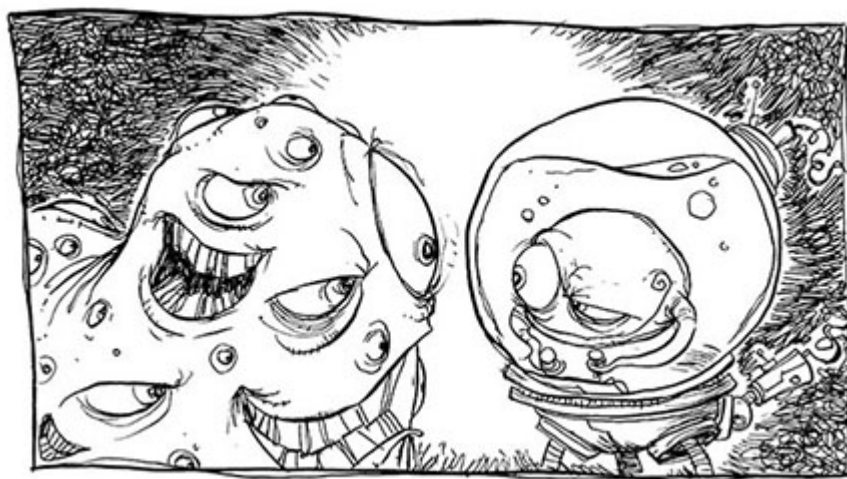
– O que ele falou – admitiram os aliens verdes gosmentos. – A parte sobre o fim do universo.

– Então – insisti. – A não ser que vocês queiram passar o restante das suas vidas num universo que não existe mais, é melhor deixarem tudo do jeito que estava e irem embora.

Os aliens se entreolharam e sorriram uns para os outros.

Um deles pressionou o **grundleorfer**.





Wumpiros, piratas, piranhas, deus vulcão e adoradores do deus vulcão se foram.

– E se – sugeriu um dos aliens verdes gosmentos, esperançoso – nós só redecorássemos o hemisfério sul?

– Sem chance! – respondi. – Agora soltem a gente, ou o leite toca o leite! E, depois, vocês podem ir embora. Abandonem este planeta para sempre.

Os aliens olharam para mim, depois se entreolharam, e então suspiraram, e o barulho foi como o de cem bolhas de meleca elefantinas murchando ao mesmo tempo.

– Tudo bem – concordaram eles.

Foi nesse momento que uma voz mais alta do que qualquer coisa que eu jamais ouvi – e olha que eu ouvi um vulcão entrar em erupção bem de pertinho – exclamou:

– POLÍCIA GALÁCTICA.  
NINGUÉM SE MEXE!

Minhas mãos tremeram, mas o leite não tocou o leite, e o universo não acabou.

Havia luzes vermelhas e azuis piscando e, em seguida, uns doze dinossauros uniformizados saltaram de suas bicicletas espaciais, segurando armas indubitavelmente grandes e sérias. Armas que eles apontaram para os aliens verdes gosmentos.

– Vocês foram acusados de invadir os planetas dos outros e redecorá-los – anunciou um nobre e imponente tiranossauro rex. – E depois fugir e fazer a mesma coisa em algum outro lugar, e de novo e de novo. Vocês cometeram crimes contra os habitantes de dezoito planetas, e crimes contra o bom gosto.

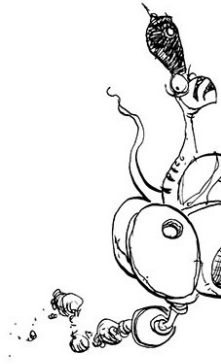
– O que nós fizemos em Rigel Quatro foi *arte*! – retrucou um alien gosmento.

– Arte? Tem gente em Rigel Quatro – afirmou um anquilossauro. – Gente que tem que olhar para cima, todas as noites, e ver uma lua com três enormes patos de gesso voando.

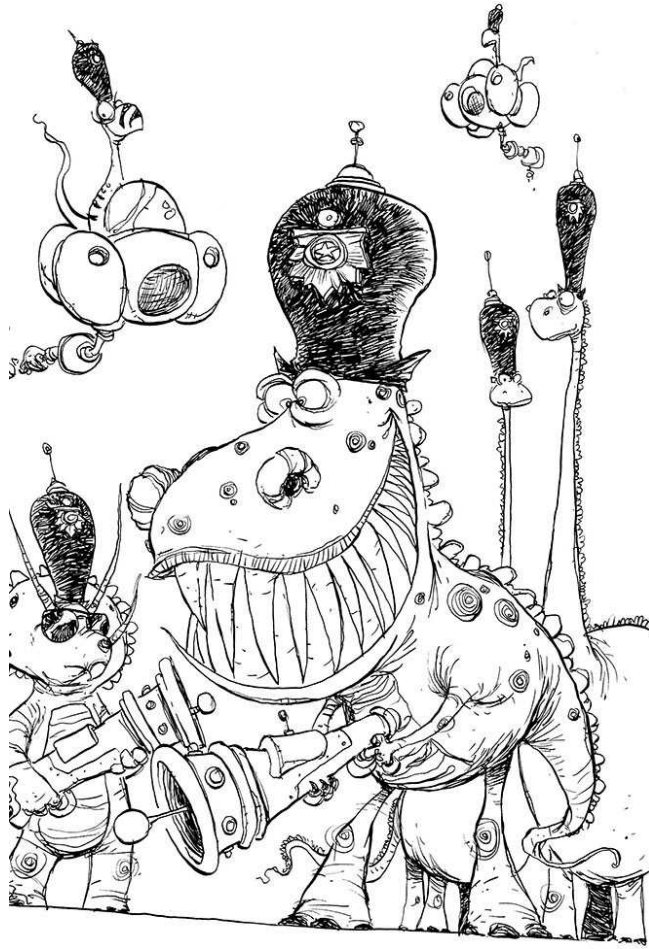
Uma coisa muito longa com uma cabeça na ponta veio até nós. Estava conectada a um enorme corpo do outro lado da sala.

– Quem é você? – perguntou a coisa ao cientista Esteg. – E por que o seu gorila está segurando um recipiente de leite transtemporalmente deslocado?

– Eu não sou um gorila – falei. – Sou um pai humano.





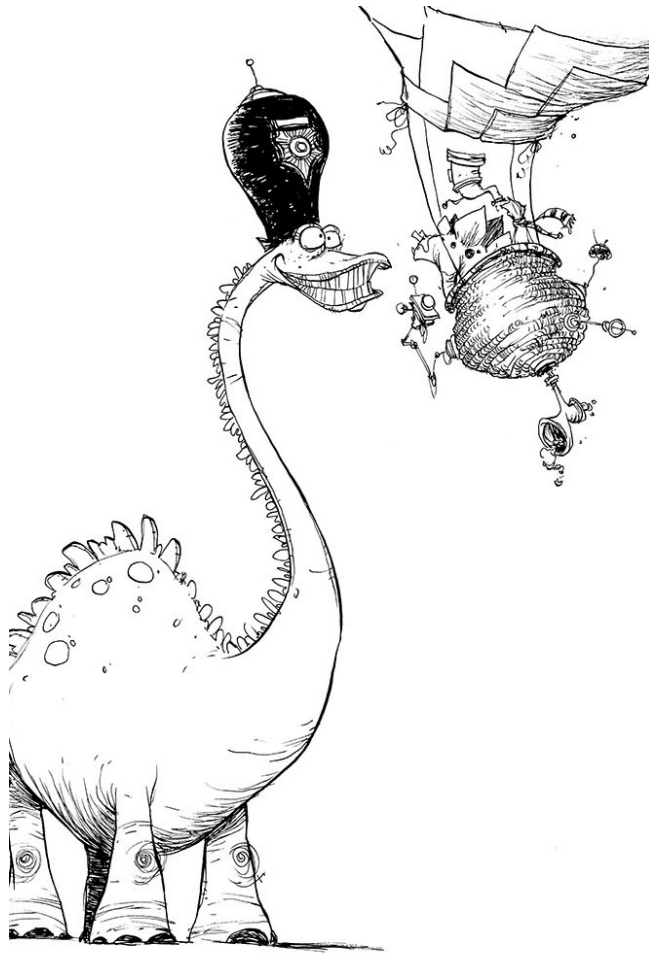


– Este humano está segurando o leite para obrigar essas bolhas de meleca decoradoras malvadas a irem embora e pararem de ameaçar a gente e o planeta – explicou o cientista Esteg.

O diplódoco com chapéu de polícia abriu a boca, mas não disse nada.

O tiranossauro – que tinha algemado todas as pessoas verdes gosmentas juntas, com algo que parecia mais um barbante cor-de-rosa do que algemas de verdade, o que era uma boa coisa, pois as criaturas provavelmente não tinham mãos e definitivamente não tinham pulsos – olhou para nós e arregalou os olhos.

– Que dia incrível esta manhã! – exclamou ele. – Um bípede. Um estegossauro. Um Transportador-Pessoal-Redondo-Flutuante... – E ele parou, como se não conseguisse continuar.



Um pteranodonte voou até nós e aterrisou aos pés de Esteg. Ele olhou para o cientista e perguntou, hesitante:

– Você não seria...? Não poderia ser...? A inventora da **Máquina-Pontuda-de-Disparar-ao-Espaço-Sideral** de Esteg? Ou da **Máquina Superboa Nessa Coisa de Tempo** de Esteg? Você não é a autora de **Minhas viagens ao futuro extremo e o que eu encontrei lá?** Cientista Esteg, a mais sábia de todos os dinossauros? **MADAME, É MESMO VOCÊ?**

– Eu mesma, e este é o meu assistente – respondeu a cientista.

**Madame?**, pensei, envergonhado.

O pteranodonte estendeu a ponta da asa para que eu apertasse e, sem pensar, eu passei o segundo leite da minha mão direita para a esquerda...

Onde o primeiro leite estava.

**TODO MUNDO  
FICOU SEM AR.**



**Infelizmente, o leite** que tinha estado na minha mão direita, que era o mesmo leite que já estava na minha mão esquerda, o mesmo leite com quinze minutos de diferença, tocou o outro.

Eu prendi a respiração.

Houve um barulho de gás e uma miação, como se cem gatinhos estivessem sendo agitados numa enorme cesta.

A cientista Esteg fechou os olhos.

– Não posso olhar.

Três anões roxos com vasos de plantas na cabeça apareceram de lugar nenhum e começaram uma dancinha.

– O universo acabou? – indagou o tiranossauro, com os olhinhos bem apertados.

## **– OLHEM! – EXCLAMEI.**

Todos nós observamos os anões dançando. Eles não eram humanos e não eram dinossauros. Tinham pele roxa e, nos vasos de plantas em suas cabeças, crescia um monte de flores. Os três fizeram uma dança complicada, com muitos chutes e gritos de "OI!" e "OLÉ!" e "PERTUING!". E, então, de forma tão estranha como quando eles chegaram, eles desapareceram.

– Ah – comentou a cientista Esteg. – Sempre houve uma possibilidade de isso acontecer. E, felizmente, o universo não acabou.

Ela apertou o botão de novo com a cauda. Uma janela se abriu no espaço e no tempo. Eu estava parado lá do outro lado com uma expressão confusa no rosto.

– Pega! – gritei e joguei o leite pelo buraco. Quando o portal se fechou, eu vi a mim mesmo pegando o leite com a minha barriga.

Depois que os aliens verdes gosmentos tinham sido arrebanhados e levados embora, todos os dinossauros se reuniram.

– Não posso acreditar – comentou o diplódoco. – A cientista Esteg. Que nem nos quadrinhos. A dinossaura que nos ensinou que, no futuro distante, pequenos mamíferos comerão cereal matinal com leite. A inventora do botão. Ela está aqui, bem na nossa frente, com o gorila dela.



– Não é um gorila, é um pai humano – corrigiu a cientista Esteg, e todos os dinossauros se espantaram e disseram coisas do tipo: “Como ela é sábia!” e “Mas que cérebro!” e “Como é que você pode diferenciar aquele bicho de um gorila? Seriam os sapatos?”

– Este pai humano foi meu companheiro na minha estranha jornada ao futuro – continuou a cientista Esteg. – Agora, antes que eu me despeça dele e vá com vocês, Dinossauros Espaciais, precisamos cantar para ele uma das mais fantásticas e velhas canções de dinossauro.



Cantaram uma música com uma harmonia em seis partes chamada: **“Como você se sente esta manhã quando sabe o que fez noite passada?”** Em seguida, eles cantaram uma canção chamada: **“Não vá aos poços de piche, querida, porque eu estou coladinho na tua.”** Os dinossauros da Polícia Espacial cantaram uma música sobre fazer parte da Polícia Espacial, salvar pessoas de todo o universo e pilotar bicicletas espaciais super-rápidas. E então todos juntos cantaram uma canção chamada: **“Eu tenho uma porção de cascudos-cabeludos-de-polpa-branca”**, que era uma música dinossauriana muito antiga, aparentemente composta pela tia Botão.

Não há nada tão belo em nenhum universo quanto dinossauros cantando em harmonia.

– Agora – anunciou a cientista Esteg. – Vou embora no meu Transportador-Pessoal-Redondo-Flutuante, com meus novos amigos da Polícia Espacial de Dinossauros, e vou explorar o universo, e então voltarei ao meu próprio tempo e escreverei um livro sobre isso.

– Na verdade você escreverá vários livros – contou o diplódoco. – ***O guia de Esteg sobre tudo no futuro inteiro*** era o meu favorito. Muito inspirador.

Eu me despedi de todos os dinossauros. Agradei à cientista Esteg por ter salvado minha vida.

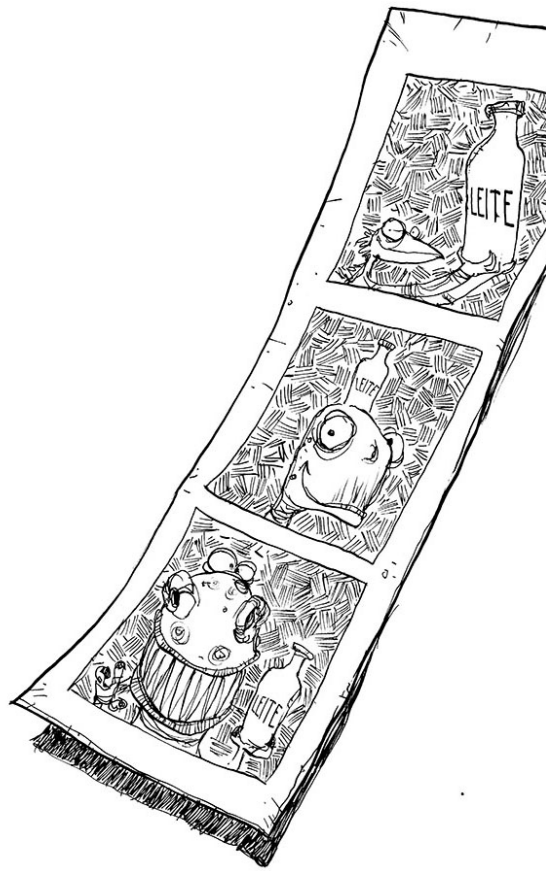




– Não há de quê – respondeu ela. – Nós dois tivemos sorte porque você tinha o leite. Não é qualquer garrafa de leite que salva o mundo, afinal.

– Fui eu que salvei o mundo – argumentei. – Não o leite.

Os dinossauros espaciais todos tiraram fotos segurando o leite e sorrindo para a câmera.



– O que você vai fazer com o leite? – perguntaram eles. – Vai colocar num museu?

– Não, não vou, não – respondi. – Vou dar o leite para meus filhos tomarem o cereal matinal deles. E provavelmente vou botar um pouco no meu chá.

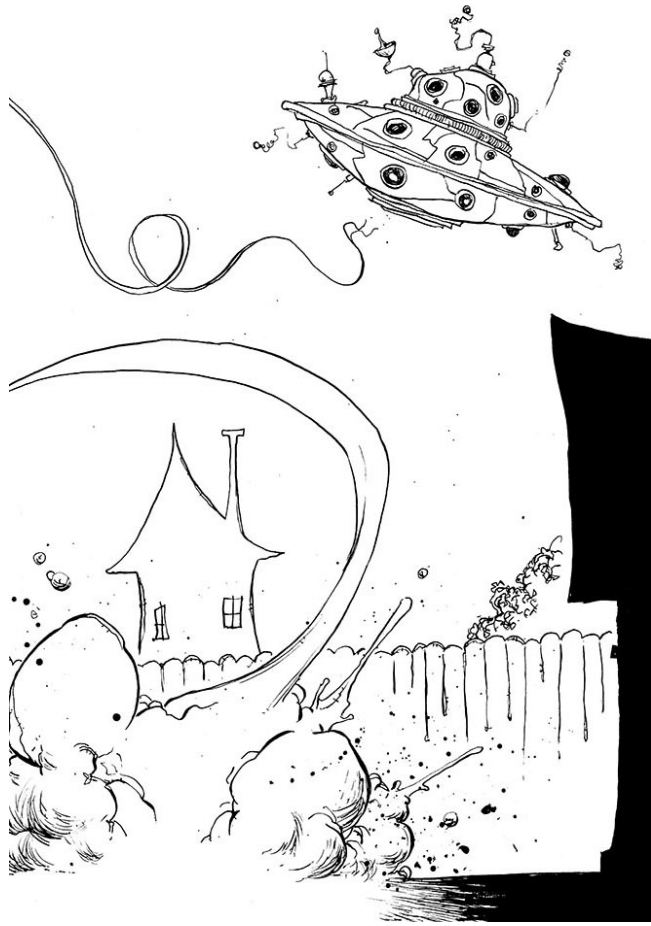
A cientista Esteg saltou de novo escada de corda acima e subiu na gôndola do balão. Na última vez que eu a vi, que eu vi qualquer um deles, o interior de todo o disco voador estava desaparecendo numa luz tão forte que eu tive que fechar meus olhos e me virar para outro lado.

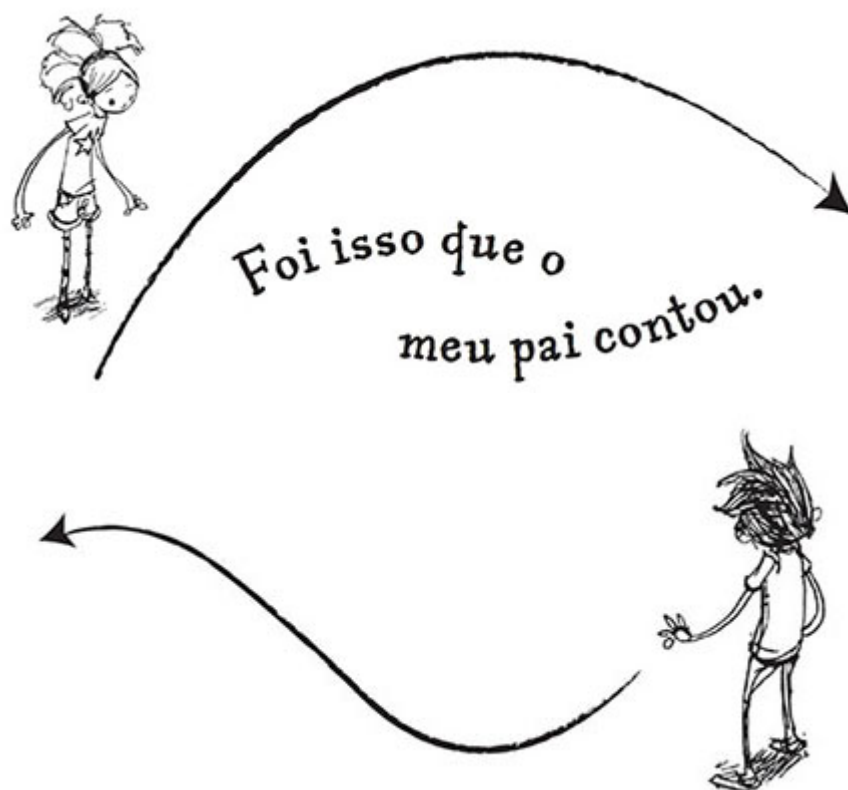
E então eu estava parado diante da porta dos fundos da nossa casa, em perfeito estado. Felizmente, os dinossauros me devolveram o leite depois de tirarem as fotos com ele.

Finalmente, eu entrei.

E aqui estou.







Olhei para a minha irmã, e ela olhou para mim.

Então nós dois olhamos em volta pela cozinha. Olhamos para o calendário na parede com fotos de balões. Para os meus dinossauros de brinquedo e os pôneis da minha irmã, para o livro de vampiro dela, para o desenho de um vulcão que eu fiz quando era pequeno, ano passado, e que ainda está pregado na parede ao lado da geladeira.

Olhamos para todas essas coisas e olhamos para o meu pai.

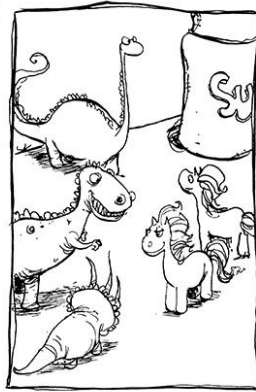
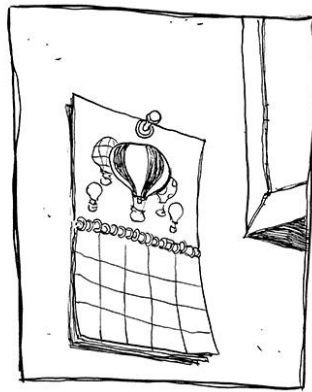
– Sabe, a gente não acredita em nada disso – anunciou minha irmã.

– Não acreditamos – acrescentei. – Em nada disso.

– Especialmente a parte em que você salva o mundo de ser redecorado.

Ou dos piratas.

– Em. Nenhuma. Parte – frisei.





Meu pai encolheu os ombros.

– Vocês que sabem – respondeu ele. – Mas foi tudo verdade. E eu posso provar.

– Como?

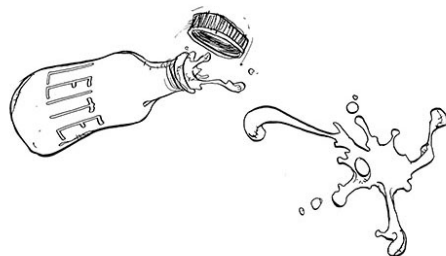
– É, como? – perguntou minha irmãzinha.

– Bem – começou o meu pai, colocando o leite na mesa da cozinha. –

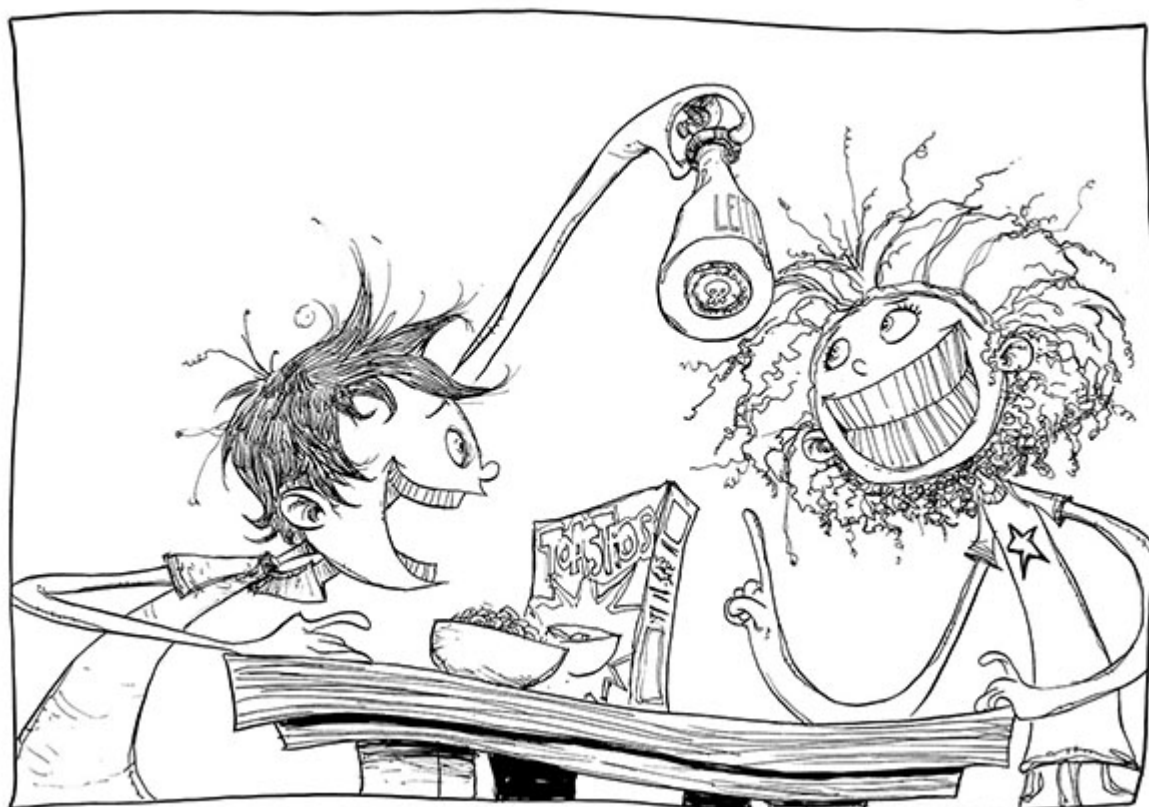
**Aqui está o LEITE.**



E, ENTÃO, ELE FOI  
DE NOVO LER O  
JORNAL.









Título original

FORTUNATELY, THE MILK

*Copyright* do texto © 2013 *by* Neil Gaiman

*Copyright* das ilustrações © 2013 *by* Skottie Young

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida sem autorização por escrito do editor.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

## ROCCO JOVENS LEITORES

GERENTE EDITORIAL

Ana Martins Bergin

EQUIPE EDITORIAL

Larissa Helena

Manon Bourgeade (ARTE)

Milena Vargas

Viviane Maurey

ASSISTENTES

Gilvan Brito (ARTE)

Silvânia Rangel (PRODUÇÃO GRÁFICA)

REVISÃO

Wendell Setubal

## ROCCO DIGITAL

COORDENAÇÃO DIGITAL

Lúcia Reis

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL

Guilherme Peres

REVISÃO DE ARQUIVO EPUB

Ana Chrysostomo

Edição Digital: abril, 2016



CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

G134f

Gaiman, Neil

Felizmente, o leite / Neil Gaiman; ilustração Skottie Young; tradução Edmo Suassuna. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016. Primeira edição.

recurso digital

Tradução de: Fortunately, the milk

ISBN 978-85-7980-285-0 (recurso eletrônico)

I. Ficção infantojuvenil inglesa. I. Young, Skottie. II. Suassuna, Edmo. III. Título.

15-25932

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa.

## O Autor

**NEIL GAIMAN** escreveu vários livros consagrados para crianças e adultos. Seu romance *O livro do cemitério* foi o único livro na história a receber as Medalhas Newbery (US) e Carnegie (UK), e seus trabalhos para leitores de todas as idades incluem o bestseller *Coraline*, cuja adaptação cinematográfica foi indicada ao Oscar, *Odd e os gigantes de gelo* e *Os lobos dentro das paredes*. Descubra mais sobre Gaiman e seus livros em:

[www.mousecircus.com](http://www.mousecircus.com)

# O Ilustrador

**SKOTTIE YOUNG** é um premiado escritor e cartunista. Ele ilustrou as adaptações dos livros da série Terra de Oz, de L. Frank Baum, para a Marvel Entertainment. Sua sensibilidade e seu estilo artístico únicos o consagraram no mundo inteiro, rendendo vários Prêmios Eisner. Skottie já trabalhou em histórias em quadrinhos, brinquedos e animações para Marvel, Warner Bros., Image Comics, Mattel, Cartoon Network e muitos outros. Ele vive em Illinois, e você pode visitá-lo on-line em: [www.skottieyoung.com](http://www.skottieyoung.com)